

ARAUTOS DO EVANGELHO

Nº 268 - Setembro 2025

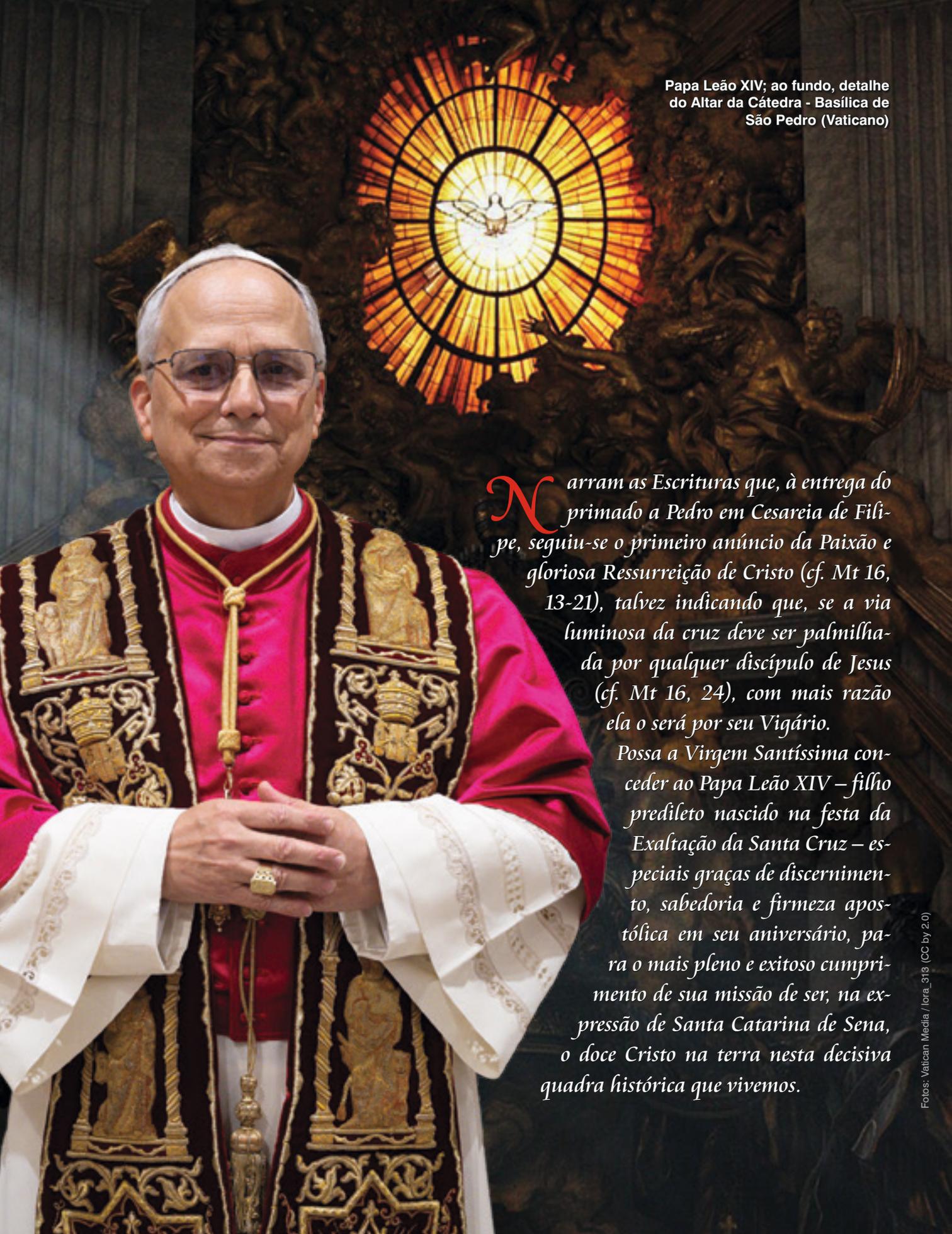


Diretor: Manuel de Abreu / Periodicidade mensal / Assinatura: 24€ - ISSN 3051-6757

“Perscrutai as Escrituras”

Flashes
de Fátima





Papa Leão XIV; ao fundo, detalhe do Altar da Cátedra - Basílica de São Pedro (Vaticano)

*N*arram as Escrituras que, à entrega do primado a Pedro em Cesareia de Filipe, seguiu-se o primeiro anúncio da Paixão e gloriosa Ressurreição de Cristo (cf. Mt 16, 13-21), talvez indicando que, se a via luminosa da cruz deve ser palmilhada por qualquer discípulo de Jesus (cf. Mt 16, 24), com mais razão ela o será por seu Vigário.

Possa a Virgem Santíssima conceder ao Papa Leão XIV – filho predileto nascido na festa da Exaltação da Santa Cruz – especiais graças de discernimento, sabedoria e firmeza apostólica em seu aniversário, para o mais pleno e exitoso cumprimento de sua missão de ser, na expressão de Santa Catarina de Sena, o doce Cristo na terra nesta decisiva quadra histórica que vivemos.

Flashes de Fátima

Revista da Campanha
"O Meu Imaculado Coração Triunfará!"

Ano XXVII n.º 268 - Setembro 2025

Director:

Manuel Silvio de Abreu Almeida

Conselho de redacção:

Severiano Antonio de Oliveira;
Silvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

Proprietário e Editor:

Associação dos Custódios de Maria
NIPC: 501141812

Sede do Editor/Sede da Redacção:

Av. João XXI, 11 - 1.º Esq.
1000-298 Lisboa
N.º ERC. 120.975
Dep. Legal n.º 112719/97
ISSN 3051-6757

Periodicidade mensal

Tel: 212 338 950 / Fax: 212 338 959

E-mail: pedidos@custodiosdemaria.pt

Estatuto Editorial disponível em
<http://custodiosdemaria.pt/flashedefatima/estatuto.pdf>

Assinatura anual: 24 euros

Impressão e acabamento:

Multiponto, S.A.
Rua da Fábrica, 260
4585-013 Baltar - Paredes

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redacção. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Membro da



Associação de Imprensa de
Inspiração Cristã

Tiragem: 10.000 exemplares

SUMÁRIO

➔ PERGUNTAM OS LEITORES	4
➔ EDITORIAL	
Maria, a melhor intérprete da Palavra de Deus.....	5
➔ A VOZ DOS PAPAS	
Como interpretar a Bíblia?	6
➔ A LITURGIA DOMINICAL	
Tudo depende do primeiro impulso	8
Pela cruz se chega à luz	9
Opção preferencial por todos	10
O Céu e o inferno começam nesta terra.....	11
➔ TESOUROS DE MONS. JOÃO	
Conversa do Criador com suas criaturas	12
➔ TEMA DO MÊS – AS SAGRADAS ESCRITURAS	
Cânion bíblico – O Livro escrito por Deus	16
Os idiomas bíblicos – Em que língua fala o Espírito Santo?.....	20
➔ SÃO TOMÁS ENSINA	
Por que ler a Bíblia?	23
➔ HISTÓRIA, MESTRA DA VIDA	
A Bíblia Vulgata – Uma “traição” à Palavra de Deus?.....	24
O cristal defendido pelo leão.....	28
➔ O QUE DIZ O CATECISMO?	
A voz de Deus ainda se deixa ouvir!	31
➔ UM PROFETA PARA OS NOSSOS DIAS	
O início da vitória!	32
➔ VIDA DOS SANTOS	
São Mateus, Apóstolo e Evangelista – Confiscado pelo Senhor	36
➔ DONA LUCILIA	
Sob a proteção de uma mãe.....	40
➔ ARAUTOS NO MUNDO	42
➔ ENSINAMENTOS BÍBLICOS	
O sacerdote Fineias – “Dou-lhe minha aliança de paz”.....	46
➔ VOCÊ SABIA....	49
➔ TENDÊNCIAS E MENTALIDADES	
Duas atitudes... uma só Pessoa?	50



Santiago Vioto

12 Religião da letra? Não... da adesão ao Deus vivo!



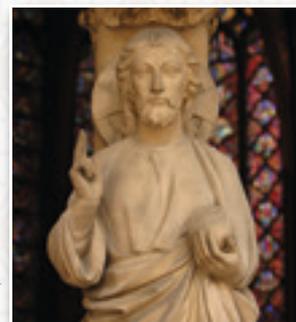
Reprodução

24 Vulgata: o texto mais reproduzido da era cristã



Dario Ialorenzi

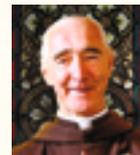
32 Natividade de Maria: a “aurora” do luar



Arquivo Revista

50 Exemplo arquetípico de equilíbrio na temperança

Envie suas perguntas para o Pe. Ricardo, pelo e-mail:
perguntamosleitores@arautos.org



Pe. Ricardo José Basso, EP

Desde pequena sempre ouvi dizer que passar debaixo de escada ou varrer os pés de alguém dá azar, que comer lentilha no ano novo traz prosperidade, que para achar um objeto perdido precisa dar três pulinhos para São Longuinho, e outras coisas assim. Mas uma amiga me disse que é errado acreditar nisso. Queria então saber se superstição é mesmo pecado.

Maria Aparecida Ferreira – Maceió

Sim, a superstição é um pecado contra o Primeiro Mandamento da Lei Divina, conforme nos ensina o *Catecismo da Igreja Católica* (cf. CCE 2110-2111), o qual também explica tratar-se de um desvio do sentimento religioso e das práticas por ele impostas, desvio esse que pode prejudicar o culto que prestamos ao verdadeiro Deus.

Com efeito, segundo São Tomás de Aquino (cf. *Suma Teológica*. II-II, q.92, a.1) a superstição é um vício que se opõe, por excesso, à virtude moral da religião, por levar o homem a prestar culto divino de um modo que não deve ou a quem não deve – ou seja, a simples criaturas – ao atribuir

a um objeto ou gesto uma virtude sobrenatural que eles não possuem. É o que se passa nos exemplos propostos na pergunta e em tantos outros que conhecemos.

Em vez de depositarmos nossa esperança em práticas carentes de qualquer fundamento até mesmo racional, crescamos na confiança em Deus e na proteção de Nossa Senhora, dos Anjos e dos Santos. Nós, católicos, sabemos o que agrada ao Pai Celeste: fugir das ocasiões de pecado, frequentar os Sacramentos, rezar... Estas, sim, são ações que podem nos obter a verdadeira felicidade nesta terra e, sobretudo, a glória eterna no Céu.

Às vezes me acontece de chegar atrasado na Missa de domingo e sempre fico na dúvida se cumpro o preceito ou não... Poderia, por favor, me esclarecer essa dúvida?

Luigi Marino – Ribeirão Preto (Brasil)

Temos em nossa vida muitos preceitos, alguns mais fáceis, outros mais difíceis de cumprir. Temos também necessidades às quais procuramos atender com alegria e satisfação como, por exemplo, comer, beber, passear, dormir, tirar férias...

Ora, e o nosso encontro semanal com Deus, como fica? Este grande preceito constitui, igualmente, uma imensa necessidade. Não é verdade?

Em primeiro lugar, cabe recordar que “no domingo e nos outros dias festivos de preceito, os fiéis têm obrigação de participar na Missa” (CIC, cân. 1247); e que “cumpre o preceito de participar na Missa quem a ela assiste onde quer que se celebre em rito católico, quer no próprio dia festivo quer na tarde do dia antecedente” (CIC, cân. 1248 § 1).

Quanto ao chegar atrasado à Missa, já desde tempos antigos os moralistas ensinam que o cumprimento do preceito de ouvir Missa inteira nos domingos e festas prevê a presença física da pessoa, do início ao fim.

Entretanto, quando sem culpa o fiel chega atrasado à Missa ou mesmo não consegue assisti-la, ele não comete falta. Por exemplo, quando a causa do atraso foi um acidente de trânsito, a necessidade de atender a um enfermo que depende de cuidados contínuos, o trabalho necessário para seu legítimo sustento, enfim, um motivo que não seja fruto de caprichos pessoais, mas de um fator externo grave e independente da própria vontade.

Para quem deseja fazer um bom exame de consciência a esse respeito, será muito útil o seguinte raciocínio. Quando chego atrasado ao trabalho, haverá desconto em meu salário e, quando produzo pouco, receberei pouco; por outro lado, se me for comunicado que no fim do mês ganharei um grande prêmio caso eu seja exímio cumpridor dos horários, me empenharei ao máximo para nunca me atrasar. Então, tratando-se de ganhar o Céu, vale ou não vale a pena fazer qualquer esforço para ser sempre pontual?



MARIA, A MELHOR INTÉRPRETE DA PALAVRA DE DEUS

As Sagradas Escrituras foram redigidas pelo próprio Deus, através da pena de diversos autores. A Bíblia tem, nesse sentido, certa analogia com a união hipostática pois, como esta reúne em si a natureza humana e a divina, as páginas daquela encerram a participação de ambas.

Ora, mesmo unido à humanidade Cristo tem apenas personalidade divina. Portanto, uma distância infinita o separa da criação, constituída por inúmeros graus de perfeição.

Tal gradualidade se aplica também à Revelação, cujo ápice é o próprio Verbo de Deus. Dada a sua grandeza infinita, convinha que no cume do “livro das criaturas” existisse uma ponte que ligasse a Majestade Divina aos demais homens. E o nome dessa ponte bendita é Maria.

Antes mesmo da Encarnação do Verbo, o Anjo anunciara que o Senhor já Se unira a Ela. Plena de graça, pôs-Se a meditar as palavras de Deus contidas no anúncio angélico, como perfeita exegeta. O Paráclito, por fim, cobriu-A com sua sombra, para que concebesse o Filho Unigênito do Pai (cf. Lc 1, 28-38). N’Ela o Verbo não só Se revelou, mas Se fez carne e habitou entre nós (cf. Jo 1, 14).

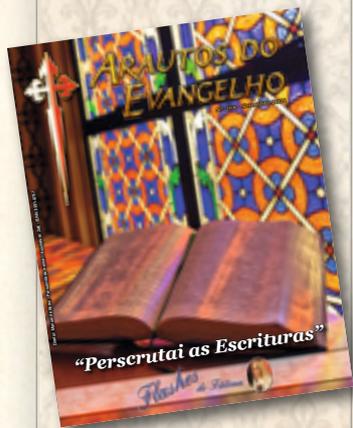
Nossa Senhora é ainda modelo para a interpretação das Escrituras por sua humildade – “Eis aqui a escrava do Senhor” (Lc 1, 38) –, pois “Deus resiste aos soberbos, mas concede a graça aos humildes” (Tg 4, 6). Por seu *fiat*, fez-se uma nova criação. Outrora Deus Se revelara pelos profetas; “nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Filho” (Hb 1, 2), nascido de Maria.

Na visitação a Isabel, a Santíssima Virgem segue fielmente o mote tomista: mais perfeito que simplesmente contemplar, é transmitir aos outros o que se contemplou (cf. *Suma Teológica*. II-II, q.188, a.6). Ela Se tornou arauto do Verbo junto à sua prima, a ponto de ser louvada com o maior de todos os elogios: “Bendita és Tu entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre” (Lc 1, 42).

Nas bodas de Caná, a Mãe do Bom Conselho manifesta-Se ainda como aquela que discerne os desígnios de Deus: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2, 5). Sua *lectio divina* era essencialmente mística: “Maria conservava cuidadosamente os acontecimentos e os meditava em seu Coração” (Lc 2, 19).

Insigne exegeta, Ela leu o mistério da Cruz de pé (cf. Jo 19, 25), como mostra de sua total fidelidade à Palavra. Por fim, em Pentecostes atraiu como um ímã o Espírito Santo, para que Ele Se revelasse, como sempre, *in medio Ecclesiae* – no seio da Igreja.

Em suma, como obra-prima da criação Nossa Senhora é o aqueduto do qual emana a fonte de água viva da Revelação de Deus. Nela, reitera-se, o Verbo Se fez carne e habitou entre nós. ✦



Sagrada Escritura

Foto: Santiago Vieto



Como interpretar a Bíblia?

A falta de uma hermenêutica da fé na abordagem da Escritura não se apresenta apenas em termos de uma ausência; o seu lugar acaba ocupado por uma hermenêutica secularizada, cuja chave fundamental é a convicção de que o divino não aparece na história humana.

TEMA DE IMPORTÂNCIA CAPITAL

A interpretação da Sagrada Escritura é de importância capital para a Fé cristã e para a vida da Igreja. “Com efeito, nos Livros Sagrados”, como justamente no-lo recordou o Concílio, “o Pai que está nos Céus vem amorosamente ao encontro dos seus filhos e conversa com eles [...]”.

O modo de interpretar os textos bíblicos para os homens e as mulheres de hoje tem consequências diretas sobre a relação pessoal e comunitária deles com Deus, e está também estreitamente ligado à missão da Igreja.

SÃO JOÃO PAULO II.
Discurso, 23/4/1993

INTERPRETAR A ESCRITURA COM O MESMO ESPÍRITO COM QUE FOI ESCRITA

Como a Sagrada Escritura deve ser lida e interpretada com o mesmo espírito com que foi escrita, não menos atenção se deve dar, na investigação do reto sentido dos textos sagrados, ao contexto e à unidade de toda a Escritura, tendo em conta a Tradição viva de toda a Igreja e a analogia da fé.

Cabe aos exegetas trabalhar, de harmonia com estas regras, por entender e expor mais profundamente o

sentido da Escritura, para que, mercê deste estudo de algum modo preparatório, amadureça o juízo da Igreja.

SÃO PAULO VI. *Dei Verbum*.
Concílio Vaticano II, 18/11/1965

PERIGOS DE UMA HERMENÊUTICA SECULARIZADA

A falta de uma hermenêutica da fé na abordagem da Escritura não se apresenta apenas em termos de uma ausência; o seu lugar acaba inevitavelmente ocupado por outra hermenêutica, uma hermenêutica secularizada, positivista, cuja chave fundamental é a convicção de que o divino não aparece na História humana. Segundo esta hermenêutica, quando parecer que há um elemento divino, isso deve-se explicar de outro modo, reduzindo tudo ao elemento humano. Consequentemente propõem-se interpretações que negam a historicidade dos elementos divinos.

Uma tal posição não pode deixar de danificar a vida da Igreja, fazendo surgir dúvidas sobre mistérios fundamentais do Cristianismo e sobre o seu valor histórico, como, por exemplo, a instituição da Eucaristia e a ressurreição de Cristo.

BENTO XVI.
Verbum Domini, 30/9/2010

CUIDADO COM UMA EXEGESE QUE PARTE DA NEGAÇÃO DE DEUS

Quem ouvir [os modernistas] discorrerem a respeito dos seus estudos relativos à Escritura, na qual lograram descobrir tantas incongruências, é levado a crer que antes deles ninguém manuseou aqueles livros, e que não houve uma infinita multidão de doutores, em talento, em sabedoria, e na santidade da vida muito superiores a eles, que os esquadriharam em todos os sentidos. [...]

Mas é que os nossos doutores não se entregaram ao estudo da Escrituras com os meios de que se proveeram os modernistas! Isto é, não se deixaram amestrar nem guiar por uma filosofia que tem a negação de Deus por ponto de partida, e nem se arvoraram a si mesmos em norma de bem julgar.

Parece-nos, pois, já estar bem declarado o método histórico dos modernistas. O filósofo abre o caminho; segue-o o historiador; logo após, por seu turno, a crítica interna e textual. E como é próprio da primeira causa comunicar sua virtude às segundas, claro está que tal crítica não é uma qualquer crítica, mas por direito deve chamar-se agnóstica, imanentista, evolucionista; e por isso quem a professa ou dela se utiliza, professa os erros que se

contém nela e se põe em oposição com a doutrina católica.

SÃO PIO X. *Pascendi Dominici gregis*, 8/7/1907

EXPOSIÇÃO QUE SEJA ÚTIL À VIDA DA IGREJA

Aplice-se o exegeta católico àquele que é o principal de todos os seus deveres: indagar e expor o sentido genuíno dos Livros Sagrados. [...] Guardem-se com particular cuidado de expor somente o que toca à História, à Arqueologia, à Filologia e outras matérias semelhantes – como com mágoa vemos que se faz em alguns comentários –; mas, dadas oportunamente tais notícias enquanto podem servir à exegese, ponham em evidência sobretudo a doutrina teológica, dogmática ou moral de cada livro ou texto. Desse modo a sua exposição não só aproveitará aos professores de Teologia ao exporem e provarem os dogmas da Fé, mas servirá também aos sacerdotes para a explicação da doutrina cristã ao povo, e será útil a todos os fiéis para viverem uma vida santa, digna de um verdadeiro cristão.

PIO XII. *Divino afflante Spiritu*, 30/9/1943

NÃO SE LIMITAR AOS ASPECTOS HUMANOS

Para respeitar a coerência da fé da Igreja e da inspiração da Escritura, a exegese católica deve estar atenta a não se limitar aos aspectos humanos dos textos bíblicos. É preciso que também ajude o povo cristão a perceber mais nitidamente nestes textos a Palavra de Deus, de maneira a acolherem-na melhor para viverem plenamente em comunhão com Deus.

Para este fim, é evidentemente necessário que o próprio exegeta perceba nos textos a Palavra Divina, e isto não lhe é possível senão se o seu trabalho intelectual for alimentado por um impulso de vida espiritual. Faltando este fundamento, a investigação exegética

permanece incompleta; perde de vista a sua finalidade principal e limita-se a tarefas secundárias.

SÃO JOÃO PAULO II. *Discurso*, 23/4/1993

FÉ ECLESIAL, CONDIÇÃO PARA A AUTÊNTICA HERMENÊUTICA BÍBLICA

A autêntica hermenêutica da Bíblia só pode ser feita na fé eclesial, que tem o seu paradigma no “sim” de Maria. A este respeito, São Boaventura afirma que, sem a fé, não há chave de acesso ao texto sagrado: “Esta é o conhecimento de Jesus Cristo, do qual têm origem, como de uma fonte, a segurança e a inteligência de toda a Sagrada Escritura. Por isso é impossível que alguém possa entrar para a conhecer, se antes não tiver a fé infusa de Cristo que é lanterna, porta e também fundamento de toda a Escritura”. E São Tomás de Aquino, mencionando Santo Agostinho, insiste vigorosamente: “A letra do Evangelho também mata, se faltar a graça interior da fé que cura”. Isto permite-nos assinalar um critério fundamental da hermenêutica bíblica: o lugar originário da interpretação da Escritura é a vida da Igreja.

BENTO XVI. *Verbum Domini*, 30/9/2010

À IGREJA COMPETE JULGAR O SENTIDO DAS ESCRITURAS

Para refrear certos talentos petulantíssimos, [o sacrossanto Sínodo] estabelece que ninguém, confiando no próprio juízo, ouse interpretar a Sagrada Escritura, nas matérias de fé e de moral que pertencem ao edifício da doutrina cristã, distorcendo a Sagrada Escritura segundo seu próprio modo de pensar contrário ao sentido que a Santa Mãe Igreja, à qual compete julgar do verdadeiro sentido e da interpretação das Sagradas Escrituras, sustentou e sustenta; ou ainda, contra o consenso unânime dos Padres.

PAULO III. *Decreto sobre a Vulgata e o modo de interpretar a Sagrada Escritura*. Concílio de Trento, 8/4/1546

LEI QUE PRESERVA A CIÊNCIA BÍBLICA DE ERRO

Por esta lei [do Concílio de Trento] plena de sabedoria a Igreja não retarda nem impede a investigação da ciência bíblica, mas antes a preserva livre de erro e contribui grandemente para seu verdadeiro progresso. Pois a cada mestre particular abre-se um amplo campo no qual sua arte de interpretar, seguindo passos seguros, se pode empenhar de maneira brilhante para proveito da Igreja.

LEÃO XIII. *Providentissimus Deus*, 18/11/1893

À Santa Igreja compete julgar o verdadeiro sentido e interpretação das Sagradas Escrituras

Santo Estêvão, Santo Américo e São Gerardo Sagredo - Igreja de Nossa Senhora da Assunção, Budapeste

Francisco Lecaros





Tudo depende do primeiro impulso



✠ Pe. Santiago Ignacio Morazzani Arráiz, EP

Nosso Senhor impõe uma condição dura para sermos discípulos d'Ele: "Renunciar a tudo". Mas... quem deve fazer essa renúncia? Apenas alguns? Ou todos?

Imaginemos que dez amigos iniciam uma peregrinação a certo santuário mariano localizado na montanha. A jornada promete ser árdua: setenta quilômetros de caminhada em ascensão. Perguntamo-nos: quantos deles chegarão à meta? Muito simples. Aqueles que, ao partir, afirmarem convictos: "Vou até o fim".

A experiência mostra que as caminhadas espirituais atingem feliz sucesso quando partem de um primeiro impulso decidido e fervoroso. Tal princípio se aplica, sobretudo, ao chamamento de Deus para o sacerdócio ou a vida religiosa. O jovem que sente em si o apelo a uma inteira doação a Cristo e à Igreja, e responde logo com um "sim" cheio de entusiasmo e generosidade, sem considerar a possibilidade de voltar atrás, certamente chegará muito longe e muito alto na dura subida ao santuário de sua própria vocação.

Analisemos sob essa luz a expressão de Nosso Senhor, ponto forte do Evangelho deste domingo: "Renunciar a tudo o que tem" (Lc 14, 33). A tudo, desde que o exijam as condições da entrega a Deus. Exemplos? As vidas dos Santos. Quanto amava Santa Teresinha a seu pai, idoso e com frágil saúde! Contudo, ela o deixou para ingressar no Carmelo, porque assim a graça a inspirava: "Sentia meu coração bater com tanta violência que me parecia impossível avançar. [...] Avancei, entretanto, enquanto me perguntava a mim mesma se não iria morrer, pela força das batidas do meu coração... Ah! Que momento! É necessário ter passado por isso para saber o que é..."¹

Boa parte de nossos leitores poderia, então, perguntar: "Para mim, que não vou ser sacerdote nem

religioso, que interesse tem este Evangelho?" Observemos que Jesus falava às "grandes multidões" (Lc 14, 25) que O acompanhavam. Suas palavras, portanto, aplicam-se a todos os que se declaram seguidores d'Ele, ou seja, cristãos.

"É fora de dúvida", afirma um grande pregador, comentando esta passagem, "que o chamamento de Cristo à perfeita abnegação de si mesmo está dirigido a todos aqueles que queiram segui-Lo; e não em termos de simples convite, mas como verdadeiro e rigoroso preceito. [...] Todos estão obrigados, sem exceção alguma, àquela abnegação de si mesmos que seja indispensável para o perfeito cumprimento dos deveres de seu próprio estado e condição".²

Sim, todos somos convidados a fazer renúncias árduas, até dolorosas, para obedecer a Jesus. E tanto mais difícil é a fidelidade quanto mais "normal" – segundo os critérios do mundo – parece a atitude que devemos evitar. Será na hora de fechar um negócio cujas condições comportam alguma desonestidade, de abrir um aplicativo no celular que manchará a pureza de nossas vistas, de programar nosso domingo com possibilidades de perder a Missa, de escolher um traje que fere as regras da decência cristã...

Nesses momentos devemos pedir forças a Deus! Queremos ser discípulos de Jesus! Façamos uma breve oração a Maria Santíssima – que jamais abandona os que n'Ela confiam – e demos o passo com decisão e generosidade, sem olhar para trás. ✠



"São Francisco renuncia aos seus bens", por Giotto di Bondone - Basilica de São Francisco, Assis (Itália)

¹ SANTA TERESA DE LISIEUX. *Manuscrito A*, 69r.

² ROYO MARÍN, OP, Antonio. *La vida religiosa*. 2.ed. Madrid: BAC, 1968, p.459.

Pela cruz se chega à luz



Pe. Antonio Jakoš Ilija, EP

O marco histórico da festa celebrada neste domingo remonta à descoberta da verdadeira Cruz de Cristo em Jerusalém por Santa Helena, mãe do Imperador Constantino, no ano 320 aproximadamente, e à consagração, na mesma cidade, da Basilica do Santo Sepulcro em 13 de setembro do ano 335. No dia seguinte o Patriarca de Jerusalém apresentou as relíquias, pela primeira vez, à adoração solene dos fiéis.

Parece peculiar que a festa seja dedicada à relíquia e não Àquele que a faz adorável, Nosso Senhor Jesus Cristo. O fato é que, por cima das circunstâncias históricas de seu descobrimento, a Cruz se tornou a vários títulos um dos símbolos máximos da Fé Católica e passou a encimar as torres das igrejas e as mais esplendorosas coroas dos reis da Cristandade.

Qual é a razão mais profunda desta afirmação?

No Antigo Testamento o Senhor Se revelou enquanto criador do universo, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, o Deus da sarça ardente e das pragas do Egito, o Deus que exterminou pelas mãos de Elias os profetas de Baal. No Novo Testamento encontramos o mesmo Deus, mas feito Homem para nos salvar: Nosso Senhor Jesus Cristo, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade encarnada.

A principal diferença entre ambos os Testamentos se encontra precisamente no sofrimento por amor aos homens. Sofrimento de um Deus humanado que, não conseguindo tocar o coração dos pecadores com manifestações portentosas, realiza o impensável: faz-Se contingente e Se põe nas mãos de algozes que, em retribuição pelos milagres sem conta por Ele operados, O desprezam, O chamam de endemoniado, O entregam às autoridades como um malfeitor, O coroam de espinhos, O crucificam, O atravessam com uma lança... E como testemunha de todos esses ultrajes restou a Cruz, banhada no Sangue Preciosíssimo, marcada pelos buracos dos pregos e pela inscrição nela posta

como sinal de ignomínia: “Jesus Nazareno, Rei dos Judeus” (Jo 19, 19).

Os padecimentos bem aceitos são, como nos ensina Mons. João, um sacramental que nos santifica e nos salva: é o peso leve e suave da Cruz de Nosso Senhor. Mas existe também outra forma de sofrimento: o jugo de Satanás.

Se queremos a infelicidade, carreguemos nossas cruzes com revolta; se preferimos ser felizes, façamo-lo com amor e resignação. Dr. Plínio Corrêa de Oliveira resume com pulcritude essa dupla opção: “Quer definir um homem? Pergunte se no centro de sua vida há uma cruz! Pergunte que cruz ele leva e como a leva; o homem estará definido. [...] ‘Meu Pai, se é possível, afaste-se de Mim este cálice. Contudo, não seja feito como Eu quero, mas sim como Tu queres’ (Mt 26, 39), pediu Nosso Senhor no começo da Paixão. No fim Ele bradou: ‘Meu Deus, meu Deus, por que Me abandonaste?’ (Mt 27, 46). Até lá chegou o sacrifício! Mas depois vieram as glórias da ressurreição! Então, a concepção católica da vida está clara. Belo mesmo é imitar Nosso Senhor Jesus Cristo e carregar a nossa cruz até o fim!”¹ ✠

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 6/10/1984.

O símbolo por excelência do Cristianismo nos mostra o valor do sofrimento para a conquista da verdadeira glória



Crucifixo da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, Tocancipá (Colômbia)

Juan Tavárez

Arquivo Revista

Opção preferencial por todos



Pe. Felipe de Azevedo Ramos, EP

Faria Jesus alguma acepção no seu desejo de que “todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade”?

A parábola do administrador infiel pode suscitar certo desconcerto pelo elogio do patrão à esperteza deste mau súdito, bem como pela recomendação de Jesus a que usemos o dinheiro injusto para fazer amigos que nos recebam nas moradas eternas (cf. Lc 16, 1-9). Como compreender tais apologias?

Santo Agostinho esclarece que o referido amo não louva a fraude em si, mas a previsão de seu subordinado quanto ao futuro. Pois bem, “ele se preocupou pela vida que tem fim, e tu não se preocupas por aquela eterna?”¹ Os filhos da luz devem cultivar, portanto, uma “determinada determinação”² em sua busca pela pátria celeste.

Ainda na perspectiva agostiniana, o “dinheiro injusto” – no latim, *mamona iniquitatis* – denota as falsas riquezas em contraposição às autênticas, os tesouros do Céu que nenhuma traça ou ferrugem podem destruir (cf. Mt 6, 19-20). Assim, Nosso Senhor invectiva a visão materialista, preocupada exclusivamente pelas posses terrenas, consentindo, ao mesmo tempo, que estas possam ser utilizadas para um bem maior, como, por exemplo, a evangelização e consequente salvação das almas.

Por certo, a Providência Divina “quer que *todos* os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (I Tim 2, 4). Jesus chamou tanto Zaqueu, que era rico e teve de abandonar metade de suas divíncias para conquistar o Céu, quanto Pedro, que tinha só um barquinho e uma rede. O Redentor não faz acepção de pessoas, “veio procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19, 10) e extirpar o pecado do mundo (cf. Jo 1, 29). Isso não significa, todavia, que todos efetivamente se salvarão, mas exprime que a salvação se dá apenas por seu poder. É como um médico que quer resgatar a totalidade de seus pacientes, mas cabe a cada um tomar o remédio prescrito e assim se curar.

Ressalte-se que, para cumprir a vontade de Deus, pouco importa a condição financeira. Sejam os abastados, sejam os pobres, todos podem acolher o Evangelho, converter-se e levar uma vida santa. Há, claro, os contratatemunhos, como o do moço rico que preferiu ser opulento de bens terrenos, mas miserável pelo pecado (cf. Lc 18, 18-25). A ingratidão desconhece os bolsos das pessoas... Destarte, onde estão os nove leprosos – presumivelmente pobres – curados por Jesus? Nada se pronuncia sobre a salvação deles, mas certo é que somente um dos seus companheiros – também pobre, mas rico pela graça – pôde escutar dos divinos lábios: “Levanta-te e vai; a tua fé te salvou” (Lc 17, 19).

Em conclusão, Jesus prefere a todos, mas nem todos preferem a Jesus. No apostolado também devemos preferir a *todos*, pois todos foram objeto do Sangue Redentor. É por meio dele que conquistamos o tesouro imperecível, a maior de todas as riquezas, o Céu. Fora dele só se encontra a maior de todas as misérias, o caminho de iniquidade proposto pelo príncipe deste mundo, o demônio. Não há, portanto, como alerta o Salvador, uma terceira via... ✠

¹ SANTO AGOSTINHO DE HIPONA. *Sermão 359A*, n.10.

² SANTA TERESA DE JESUS. *Caminho de perfeição*, c.21, n.2.



Detalha de “Os cambistas”, por Marinus van Reymerswaele - Coleção Real (Inglaterra)

O Céu e o inferno começam nesta terra...



Pe. Rodrigo Fugiyama Nunes, EP

Por revelação de Nosso Senhor e solene definição da Igreja, conhecemos a existência de um destino eterno após nossa morte: Céu ou inferno, conforme tenha sido nossa vida. Disso ninguém escapa, como nos mostra o Evangelho deste domingo, no qual um homem rico é condenado a um lugar de tormentos e o pobre Lázaro é levado pelos Anjos para junto de Abraão (cf. Lc 16, 22-23).

Entretanto, de uma coisa podemos facilmente nos esquecer: de alguma forma o Céu e o inferno começam nesta terra! Como assim? Haveria muitos modos de considerar tal afirmação. Contudo, hoje parece oportuno salientar um aspecto importante, inspirando-nos na segunda leitura, na qual São Paulo admoesta Timóteo: “Combate o bom combate da fé” (I Tim 6, 12). Sim, estamos em guerra! E nesta constante luta não pelejamos sozinhos: os Anjos e os demônios intervêm continuamente em nossas vidas.

Os Anjos querem já neste mundo ser nossas companhias, adiantando o momento em que os encontraremos para sempre junto da Santíssima Virgem. E os demônios desejam nos tentar, nos perder e nos afastar de Deus, fazendo-nos participar da infelicidade eterna deles, agora e por todos os séculos. Trata-se de uma verdadeira batalha sobrenatural, grandiosa e séria, da qual pode depender a nossa eternidade. Donde a advertência do profeta Amós proclamada na primeira leitura: “Ai dos que vivem despreocupadamente” (6, 1)!

A grande pergunta que surge, então, consiste em saber como começar a viver o Céu nesta terra. E a resposta é simples: fazer o que atrai os Anjos e evitar o que traz a presença dos demônios.

Por exemplo, se uma pessoa – sobretudo um pai ou uma mãe de família – assiste um vídeo imoral na internet, sem dúvida chamará demônios para si e para os seus próximos. Por outro lado, alguém que reze o Terço, assista à Missa, faça adoração ao Santíssimo Sacramento ou se

confesse, permanecerá cercado de Anjos, onde estiver.

Os demônios são atraídos por revoltas, vulgaridade, tristeza, agitação, desordem, impureza, orgulho, mentira e qualquer desonestidade. Os Anjos se aproximam de quem busca a ordem, o respeito, a limpeza, a alegria verdadeira, a confiança em Deus, a pureza, a humildade, a veracidade, a oração e, em particular, a devoção a Nossa Senhora. Há mais: existem músicas, lugares, pessoas, objetos, palavras, ambientes, trajes e muitas outras coisas que nos ligam aos Anjos ou aos demônios. Uma pergunta facilita o discernimento nessa matéria: a música que escuto ou a roupa que visto seriam dignas de figurar no Céu?

O mundo de hoje está, infelizmente, perdendo os reflexos celestes e tendendo ao caos infernal. Nós devemos ser diferentes! Em nossas famílias, em nossas casas, em toda a nossa vida cabe só procurar o que seja um reflexo do Céu, com o auxílio de Maria Santíssima. Assim, quando chegar a hora de nossa morte seremos, como Lázaro, levados pelos Anjos para contemplar a Deus por toda a eternidade. E então compreenderemos como valeu a pena ter travado o bom combate da fé! ✝

Já nesta terra os Anjos e os demônios nos querem fazer partícipes de sua sorte. Como atrair os primeiros e afastar os últimos?



“São Miguel e os Anjos em guerra contra o demônio”, por Domenico Ghirlandaio - Instituto de Artes de Detroit (Estados Unidos)



Conversa do Criador com suas criaturas

Foi o próprio Deus quem escreveu, embora indiretamente, as Sagradas Escrituras, indicando-nos com extraordinária lógica e coesão as verdades eternas da Fé, a fim de abrir nossos olhos para as realidades que não vemos.

✦ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Ao analisarmos a obra da criação, impressiona constatar a exuberância de generosidade manifestada por Deus em todo o universo, desde os menores pedregulhos até as criaturas inteligentes, Anjos e homens.

Na natureza mineral comprovamos isso quer na enorme quantidade de grãos de areia dos desertos e das praias, quer no número incontável de astros a se perder de vista numa magnífica noite estrelada, quer na abundância de água que corre prodigamente sobre a superfície da Terra. A perfeita estrutura da ordem mineral se assemelha a uma “conversa”, na qual uns dependem dos outros, se equilibram, se imbricam e se apoiam.

Desse “intercâmbio de benefícios” entre eles resulta, por sua vez, um relacionamento com o mundo vegetal, pelo qual a água, ao evaporar-se dos oceanos e se condensar em nuvens, cai novamente, irrigando as plantações; o Sol, quando desponta no horizonte, aquece e ilumina os bosques; o vento, ao soprar, fortalece o caule das plantas.

Porém, essa lei parece mais intensa ao observarmos os vegetais. Também entre eles se dá uma como que “comunicação”, por meio da qual se protegem e favorecem os que estão logo acima. Árvores mais frondosas beneficiam ervas que só se desenvolvem à

sombra; algumas espécies frutíferas produzem o ano inteiro, para alimento de inumeráveis animais...

E se passarmos à consideração das criaturas que se movem, a liberalidade manifesta-se ainda mais pródiga! Há tantas espécies de peixes no fundo do mar, que se sustentam entre si e os homens sequer conhecem! Até os insetos mais pequeninos parecem se ajudar reciprocamente. Qual é a “notícia” que uma formiga, por exemplo, transmite a outra? E como em seguida ela se espalha, a ponto de todas se organizarem para levar até o formigueiro um grãozinho de açúcar, numa verdadeira “peregrinação”?

Dir-se-ia reinar em todos os seres uma “vontade” de se difundir e dar do que é seu aos demais. Por quê?

Ao Sumo Bem convém Se comunicar

A razão se encontra na própria natureza de Deus, que é o Sumo Bem. Sendo absoluto e bastando-Se a Si próprio, Ele não criou por necessidade, mas, como ensina São Tomás,¹ convinha a Ele comunicar-Se em grau máximo, a fim de exteriorizar o que é e Se relacionar com as obras que Lhe pertencem.

Na ordem posta por Ele estabeleceu hierarquias, e ama a “convivência” entre todos. As criaturas irracionais são, pois, espelhos variadíssimos nos quais se

reflete a excelência de Deus, e dão glória a Ele pelo simples fato de existir. Todo o seu ser é um permanente cântico de suma eloquência, ainda que mudo, à beleza, onipotência e bondade do Criador.

Entretanto, aos Anjos e aos homens Deus quis conceder a participação em sua vida divina, com vistas à suprema felicidade do eterno convívio com Ele.

Com esta finalidade, deu aos Anjos um diálogo superior, mediante a iluminação da inteligência, em “conversas” rápidas como o relâmpago; e para nós, homens, reservou um extraordinário dom: a palavra.

Esta nos permite transmitir nossos sentimentos, observações, análises e experiências a respeito daquilo que foi objeto de nosso encanto e entusiasmo... enfim, todo o nosso próprio universo interior. Temos necessidade de expandir e pôr em termos o que levamos na alma, e de sermos entendidos pelos outros. Por isso, quando uma pessoa se distingue pela bondade, ela é em extremo comunicativa, pois sua virtude a impulsiona permanentemente a querer dar-se aos outros pela simples alegria de fazer o bem.

Uma carta de Deus para os homens

Chegamos aqui ao ponto essencial: tão infinito, indizível e inimaginável é o desejo do Altíssimo de dar-Se

e fazer-Se conhecer por nós, que Ele quis nos falar usando a própria linguagem humana, a fim de nos elevar a uma noção bem exata de Si mesmo.

O que fez Ele então? Como conver-sou conosco?

O Espírito Santo soprou na alma dos profetas e demais escritores sa-grados – servindo-se da inteligência, feito pessoal e mentalidade de cada um, e de acordo com os costumes, a cultura e os gêneros literários em uso na respectiva época – para escreverem o que Lhe aprovou nos transmitir.

Alguns Padres e Doutores da Igre-ja, como Santo Antônio, Santo Ata-násio e Santo Agostinho, intitulam a Sagrada Escritura de carta enviada pelo Céu aos homens,² e São Gregó-rio Magno a chama “uma epístola do Deus onipotente à sua criatura”.³

É o próprio Deus quem nos escre-veu, embora indiretamente, demons-trando com extraordinária lógica e coesão as verdades eternas da nossa Fé, a fim de abrir nossos olhos para re-alidades que não vemos e ensinar-nos a tudo analisar pelo prisma sobrenatural.

A mais alta comunicação da divindade

Entretanto, a comunicação divina com os homens não poderia se reduzir a um livro, por mais excelente que fosse. O Cristianismo seria, então, a religião da letra? Não é ele a adesão ao Deus vivo?

Em seu imenso amor por nós, quis o Senhor

que O conhecêssemos mais perfeita-mente em suas Três Pessoas, dando-nos uma noção clara, real e palpável de quem Ele é e pondo ao nosso alcance o supremo modelo de santidade. Por isso, realizou o mais extraordinário plano de comunicação entre Deus e sua criatura: a união hipostática.

Em determinado momento, o Ver-bo, gerado desde toda a eternidade pelo fecundo pensamento do Pai, fez-Se carne e habitou entre nós. E ao assumir figura humana, unindo a plenitude da divindade à nossa débil natureza, mostrou de forma precisa e sensível o que até então havia revelado por escrito.

Convivendo entre os homens, a Se-gunda Pessoa da Santíssima Trindade, Causa exemplar de todo o criado, nos propôs o padrão para sermos perfeitos como o Pai Celeste (cf. Mt 5, 48), ao dizer: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10, 30) e “Quem vê a Mim vê o Pai” (Jo 14, 9). É olhando para o Filho e nos assemel-hando a Ele que entenderemos o Pai e chegaremos à máxima perfeição, a fim de estarmos preparados para contem-plar a Trindade eternamente, quando todos sejamos um com Jesus, no Pai.

A Lei Antiga era imperfeita e transi-tória, pois apenas educava a humani-dade em função dos princípios morais, mostrando-lhe seus deveres e ensinan-

do a evitar o pecado. Mas ela não con-feria forças para praticá-los.

Ao estabelecer o regime da graça através do Batismo e dos outros Sa-cramentos, Nosso Senhor veio trazer a solução para todos os nossos males, facilitando a prática da fé e das de-mais virtudes e concedendo-nos, além disso, as graças atuais e os dons para vencermos as tentações e nos santifi-carmos.

Unidade das Escrituras em função de um Arquétipo

Eis, portanto, um princípio funda-mental: se lermos as Escrituras com olhos de fé, veremos como a Providên-cia Divina ordenou os acontecimen-tos, com séculos de antecedência, para serem aproveitados suavemente com vistas a preparar a chegada do Reino de Deus.

Todo começo não é ainda a realiza-ção plena, mas tem seu valor próprio, seu papel de suma importância, por-que caminha para o fim em função de um Arquétipo.

Assim, o Antigo Testamento é uma grande *ouverture* musical compos-ta pelo Pai para a vinda de seu Filho. Os feitos dos patriarcas e a saída dos israelitas do Egito para a Terra Pro-metida apontavam para o nascimento, vida, Paixão e Morte do Cordeiro de Deus; os ritos da sinagoga constituíam

imagens da Crucifixão de Nosso Senhor e do seu sacrifício in-cruento, que é a Euca-ristia; e a religião de



Em seu imenso amor, quis o Senhor que O conhecêssemos mais perfeitamente em suas Três Pessoas, dando-nos uma noção clara e palpável de quem Ele é através da união hipostática

A Santíssima Trindade - Tímpano da Abadia da Santíssima Trindade, Caen (França)

Moisés, Davi e Salomão prefigurava a Igreja Católica Apostólica Romana.

Vemos, então, a História religiosa da humanidade se dividir em dois períodos: antes de Cristo e depois de Cristo.

A aliança continua a mesma e nunca foi revogada. Aqueles que vieram antes permaneceram na expectativa, como afirma a Carta aos Hebreus: “Embora sem atingir o que lhes tinha sido prometido, viram-no e o saudaram de longe” (11, 13). Nós, que alcançamos a realização da promessa, recebemos todos os influxos trazidos pela Redenção, temos a Escritura concluída, a Revelação pronta, as profecias cumpridas.

Em síntese, Nosso Senhor está no centro de toda a Escritura e mantém a unidade existente entre o Antigo e o Novo Testamento.

Um só e único é o Autor dos Livros Sagrados e da humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo: Deus! Se veneramos a palavra escrita, ditada pelo Espírito Santo, veneramos também a Palavra Encarnada, o Corpo do Senhor formado nas entranhas de Maria pelo poder do mesmo Espírito. Esta reflete aquela e aquela se sintetiza nesta.

A esse propósito assim se exprimiu São Cesário de Arles, evocando um pensamento de seu admirado Santo Agostinho: “A Palavra de Deus não é menos importante que o Corpo de Cristo. Além do mais, assim como temos cuidado, quando nos é distribuído o Corpo de Cristo, de não deixar cair nada dele ao chão, do mesmo modo devemos ter igual cuidado de não deixar escapar de nosso coração a Palavra de Deus, quando nos é comunicada, pensando ou falando de outra coisa. Porque não será menos culpado quem escutar a Palavra de Deus com negligência do que quem deixar cair ao chão, por negligência, o Corpo do Senhor”.⁴

Como ler as Sagradas Escrituras?

Lembre-mo-nos do quanto é útil, e até indispensável, a meditação da Sagrada Escritura como uma das melhores fontes de oração, a fim de estabelecermos um colóquio com Deus através do que ali está contido.

Há uma aliança do Pai, do Filho e do Espírito Santo que acompanha sempre a leitura da Palavra de Deus – sobretudo dos quatro Evangelhos, pois estes trazem a substância mais cheia de luz de toda a Escritura –, pela qual às vezes será suficiente abrir a esmo e



A palavra escrita reflete o Verbo Encarnado; assim, melhor saberá aproveitar a leitura aquele que o fizer saboreando a conversa de Deus no fundo da alma

escolher a primeira frase que cair sob os olhos, para recebermos bênçãos especiais e nos tornarmos mais puros.

Melhor saberá aproveitar a leitura aquele que o fizer sem a preocupação de compreender ou decorar a todo preço, mas deixando as impressões voarem e saboreando a conversa direta de Deus no fundo da alma, através de graças místicas. Mais ou menos como alguém que, caminhando por um

terreno, encontrasse pedras preciosas: quando visse algo brilhar, apanharia com naturalidade aquela gema ou pérola e a guardaria no bolso.

Em certas ocasiões Deus procederá de forma diferente: não bastará a pura leitura, mas Ele só dará graças para entendermos alguma passagem que nos pareça obscura quando esta for lida em conjunto, pois Ele quer que uns ensinem os outros e sejam causa de estímulo e progresso para os demais.

Acima disso, é preciso lermos a Escritura segundo a tradição viva da Igreja, ou seja, ensinada pela pregação dos seus ministros que receberam o carisma e o mandato de guardar a verdade, e sujeitando qualquer interpretação ao juízo daquele que está no topo da hierarquia, o Papa, que goza de infalibilidade ao se pronunciar *ex cathedra* em matéria de fé e moral.

Emociona ver a coesão absoluta da doutrina católica, constituindo um corpo uno, magnífico e inteiramente sólido, em que não há possibilidade de erro e em face do qual não se pode afirmar algo contrário ao que toda a Igreja ensina.

Isso nos dá uma compreensão vivencial do quanto Deus ama o convívio humano e tem extraordinário apreço pela vida comunitária, enquanto reflexo daquela matriz primeira que é a pericórese das três Divinas Pessoas, vivendo felizes entre Si desde toda a eternidade e

para toda a eternidade.

Nossa Senhora ainda será revelada

No que toca à interpretação das Escrituras, muito já se estudou e comentou. A Igreja foi, ao longo dos tempos, assimilando as explicitações dos Santos Padres e dos mais variados autores – como Santo Atanásio, São Jerônimo, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino e a imensa plêiade dos doutores – e

reconhecendo-as como doutrina oficial, parte do corpo da Tradição.

Mas pode ser que, de acordo com as circunstâncias e as necessidades da época, o Espírito Santo suscite na História almas inspiradas que chamem a atenção para certos aspectos novos, tornando mais explícito o sentido da Escritura, como nenhum exegeta até então tenha afirmado.

Ao mesmo tempo, o próprio Espírito Santo – cuja missão é promover o crescimento da Igreja e torná-la cada vez mais perfeita e esplêndida – difundirá uma graça entre os fiéis pela qual nasça uma apetência cheia de enlevo para que aquela verdade seja anunciada.

Em vista disso, e como somos muito marianos, não podemos deixar de tratar aqui sobre o papel de Nossa Senhora nesse plano da Palavra Encarnada, uma vez que Ela é Mãe de Deus.

Vimos como o Pai quis dar-nos uma experiência de quem Ele é enviando “seu Filho Único ao mundo para que vivamos por Ele” (I Jo 4, 9). Entretanto, vendo Jesus-Homem tão forte – sua voz potente e terrível dominou as tempestades, fez calar os demônios e derrubou ao chão seus adversários quando quiseram prendê-Lo – poderíamos pensar que Deus é só Justiça e Severidade.

Ademais, levando em consideração que a humanidade está constituída pelos gêneros masculino e feminino, faltaria algo para compreender melhor, na nossa racionalidade, quem é Deus.

Ele foi misericordioso apontando-nos para sua divina Mãe, modelo de caridade e de afeto, para que, olhando para Ela, tivéssemos uma ideia bem exata de como é Deus operando na sua perfeição infinita numa pura criatura humana. A inocência e retidão excel-



Arquivo Revista

Deus quis ainda fazer-Se conhecer através de Maria Santíssima, para que, olhando para Ela, tivéssemos ideia de como Ele opera com perfeição absoluta numa pura criatura

Mons. João em abril de 2008

sas, quando apresentadas no gênero feminino como estão em Nossa Senhora, arrebatam inteiramente! A Santíssima Virgem constitui, pois, para nós um degrau a fim de chegarmos com mais segurança a Nosso Senhor Jesus Cristo e entendermos a bondade d’Ele. Não podemos considerar Maria sem Jesus e também não é conveniente considerarmos Jesus sem Maria.

Mas parece que o maior segredo de Nossa Senhora ainda não foi conhecido a fundo nesses vinte séculos de História da Igreja. Na minha opinião pessoal – disposto, porém, a aceitar o pronunciamento da Igreja a este respeito como, aliás, em qualquer outro campo – creio que Jesus quis reservar o privilégio de revelar sua Mãe para uma era histórica que será a mais esplendorosa antes do fim do mundo.⁵

Por que Ele A deixou oculta durante tão longo tempo?

Muitas são as razões, mas quicá uma delas seja a seguinte. Tendo os homens caído pelo orgulho, era preciso que houvesse um extraordinário exemplo de humildade, para depois ser proclamado: só aqueles que se humilham serão exaltados (cf. Lc 1, 52; 14, 11). A própria Nossa Senhora deve ter implorado a seu Divino Filho para não ser nomeada, e Ele aceitou esse pedido por dois mil anos.

Mas dia virá em que serão estabelecidas as bases de uma civilização que nascerá do triunfo do seu Imaculado Coração! E as duas figuras de Jesus e Maria completarão inteiramente uma ideia bem focalizada para chegarmos ao mais pleno conhecimento possível de Deus nesta terra. ✝

Excertos de exposições orais proferidas entre os anos de 1992 e 2007

¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma contra os gentios*. L.III, c.24, n.6.

² Cf. CORNÉLIO A LÁPIDE. *Commentaria in II Epist. S. Petri*. In: *Commentarii in Sacram*

Scripturam. Lugduni: Pelagaud et Lesne, 1840, t.X, p.766.

³ SÃO GREGÓRIO MAGNO. *Epistolarum*. L.IV, Epistola 31: PL 77, 706.

⁴ SÃO CESÁRIO DE ARLES. *Sermo LXXVIII*, n.2: CCSL 103, 323-324.

⁵ SÃO LUÍS MARIA GRIGNON DE MONTFORT. *Traité de la vraie dévotion à la Sainte*

Vierge, n.50. In: *Œuvres Complètes*. Paris: Du Seuil, 1966, p.515-516.

O Livro escrito por Deus

Após acirradas controvérsias, traduções obscuras, mutilações inexplicáveis, perdas e falsificações, a Obra das obras, sob a maternal custódia da Santa Igreja, chegou até nós.



✦ Mariana Cristina Moniz

Acompanhar o desenvolvimento de instituições ou de costumes sempre foi um meio eficaz e saudável de crescer no amor a eles. O pragmatismo, porém – grande dominador de nosso século –, habituou-nos a contemplar as coisas apenas como aparentam aos nossos olhos, fixar a atenção em suas utilidades imediatas e esquecer os valores muitas vezes imensos que estão por trás delas. Um dos exemplos mais ilustrativos nesse sentido são os livros.

Livros, os há aos milhares. Vendem-se, leem-se, esquecem-se... Seu fim é em geral o fundo embolorado de uma biblioteca ou, na melhor das hipóteses, a estante de um colecionador. Contudo, quanto esforço houve para a elaboração de cada um! E essa realidade, válida para os exemplares antigos e os novos, os famosos ou os pouco conhecidos, aplica-se – sobretudo! – à Obra das obras, o Livro escrito e inspirado pelo próprio Deus: a Sagrada Escritura.

Hoje, quem quiser ter uma Bíblia pode comprá-la por um valor muitas vezes irrisório. Há bíblias grandes, pequenas, ilustradas, bilíngues... enfim, para todos os gostos. Mas se, ao folhear suas páginas, remontarmos ao seu Autor e aos seus “escrivães”, que desde tempos remotos trabalharam para transmitir à posteridade as maravilhas do Senhor,

perceberemos quantas dificuldades precisaram ser superadas para que os numerosos exemplares de que dispomos tivessem sua atual configuração.

Pois bem, um *vol d’oiseau* sobre a maravilhosa trajetória deste Livro certamente nos fará percorrer suas páginas com outro olhar.

De “régua” a “regra de vida”

Para compreender essa intrincada história será necessário que, ao longo de todo o artigo, os nossos leitores se familiarizem com alguns termos pouco conhecidos. O primeiro deles é *cânon*, pois os livros da Bíblia estão catalogados no chamado cânon da Sagrada Escritura.

O vocábulo tem raízes semíticas, apesar de o herdarmos dos gregos:

Conhecer a trajetória da Sagrada Escritura, Livro que tem por autor o próprio Deus, nos fará percorrer suas páginas com outro olhar

kanon, *kanōn* proveio da palavra hebraica *qaneh*, que em tempos imemoriais designava uma cana utilizada para medir, como menciona o profeta Ezequiel (cf. Ez 40, 3-5), mas que, em sentido derivado, foi aplicada a tudo aquilo que se mensurava ou regulava.

Gramáticos gregos da Antiguidade chamaram *kanon* às coleções de obras clássicas que podiam servir de modelos literários, e no grego profano o termo adquiriu também o significado de norma ou regra moral, tendo inclusive quem o aplicasse de modo metafórico àqueles que se estabeleciam como exemplos de conduta. Em algum ponto da História o vocábulo grego foi transliterado para o latim, originando a palavra *canon*.¹

Na Escritura Sagrada, o pioneiro a utilizar o termo na acepção de regra moral muito provavelmente foi São Paulo. O Apóstolo das Gentes o consignou em suas cartas, escrevendo, por exemplo, aos gálatas: “A todos que seguirem esta *regra*, paz e a misericórdia, assim como ao Israel de Deus” (6, 16). As epístolas paulinas se tornaram desde de então *regras de vida* para os cristãos; porém, ainda transcorriam séculos antes de que formassem parte oficial do cânon bíblico...

Mas não nos adiantemos no tempo. Voltemos ao Antigo Testamento.



Início das divergências entre cristãos e judeus

Os livros pré-messiânicos, escritos por ordem de Deus e compilados com zelo admirável pelo povo eleito, constituíram a primeira fonte de inspiração para os cristãos das comunidades nascidas do Calvário.² O Divino Mestre tinha dado provas eminentes de conhecimento escriturístico e seus Apóstolos continuariam orando com os Salmos, meditando nos preceitos divinos confiados a Moisés e conferindo o cumprimento de todas as profecias com o Pentateuco e outras obras sagradas. Todos esses livros já eram aceitos como o cânon do Antigo Testamento desde meados do século I.

Contudo, se o leitor quiser comparar o nosso Antigo Testamento com a escritura judaica atual, encontrará várias divergências... Por que razão?

A explicação encontra-se entre o fim do século primeiro e o início do segundo da era cristã. Um grande abismo já separava a velha Sinagoga da nascente Igreja Católica quando, reunidos em Jâmnia, rabinos eminentes, fariseus e sacerdotes do povo judeu definiram quais livros aceitariam como sagrados e quais não. Afinal, dos numerosos escritos que circulavam, eles aprovaram apenas vinte e três, e eliminaram, entre outros, o Livro do Eclesiástico, o da Sabedoria, o de Baruc,

o de Judite, o de Tobias, os dois Livros dos Macabeus – estes últimos porque seus protagonistas não lhes eram afins do ponto de vista político – e os trechos gregos de Ester e Daniel – por ser este idioma considerado pagão.³

Outros livros, porém, antes mesmo dessa decisão da assembleia judaica já haviam desaparecido misteriosamente. É o caso, por exemplo, do Livro do Justo, mencionado em Josué (10, 13) e no Segundo Livro de Samuel (1, 18); do Livro das Guerras do Senhor, que consta em Números (21, 14); do Livro de Jeremias contra toda a maldade de Babilônia, citado em Jeremias (51, 60) e muitos outros... O que terá sido destes escritos? O que diziam? Quiçá nunca saberemos. O certo é que o cânon do Antigo Testamento mantido pelos cristãos passou a ser diferente daquele defendido pelos judeus, como diferentes seriam para sempre o judaísmo e a religião cristã.

Vários dos livros pré-messiânicos aceitos como o cânon do Antigo Testamento foram recusados pelo povo judeu entre os séculos I e II d.C.

Manuscrito hebraico do Livro de Ester - Museu Real de Ontário (Canadá)



Gustavo Kraij

Surge o Novo Testamento

Enquanto isso acontecia, o cânon do Novo Testamento começava a nascer.

Os Evangelhos foram escritos até o fim do século I, assim como os Atos dos Apóstolos, o Apocalipse e as Epístolas de Pedro, Tiago, João, Paulo e Judas. Estas missivas, endereçadas a destinatários específicos, mas divulgadas pelas nascentes comunidades de modo orgânico, fizeram seu caminho rumo ao que conhecemos hoje como o Novo Testamento.

Entretanto, não pense o leitor que o processo foi simples. Houve acirradas discussões em torno da veracidade de alguns escritos, traduções que tornaram obscuras certas passagens, mutilações inexplicáveis, epístolas que se perderam para sempre e até trechos falsificados com o fim de desviar os fiéis da verdadeira fé ou “embelezar” um pouco mais a história do Divino Mestre e de seus Apóstolos – de si já insuperável...

Tanto quanto nos permita a brevidade deste artigo, consideraremos alguns pormenores desse processo.

Discordâncias entre os cristãos

As polêmicas referentes ao cânon bíblico uniram e separaram, ao longo dos séculos, partidários das diversas teorias, que se digladiaram para comprovar suas posições num verdadeiro “campo minado”, em que nem sequer os Santos estiveram isentos de erro.

O ponto de partida das discordâncias foi a tradução.⁴ Enquanto alguns – seguindo a escola rabinica – aceitavam somente os textos escritos em hebraico ou aramaico, a maioria das comunidades defendia a Versão dos Setenta, escrita em grego. Os do primeiro grupo contaram com nomes ilustres: São Jerônimo, Orígenes, Rufino. Contudo, os paladinos da versão grega não ficaram para trás: entre eles estavam Santo Agostinho, Santo Irineu, Tertuliano. Em terreno neutro, mas sustentando concepções ainda muito imprecisas, figuraram alguns como Santo Ataná-



sio, São Cirilo de Jerusalém, São Gregório Nazianzeno e Santo Epifânio.

Para taldar ainda mais o nebuloso panorama também apareceram em cena os hereges, gnósticos de todas as espécies, como Marcião que, negando a origem divina do Antigo Testamento, aceitava apenas o Evangelho de São Lucas – coalhado de supressões! – e algumas epístolas de São Paulo; e Montano que, arvorando-se em “profeta” do Novo Testamento, tentou introduzir no cânon da Bíblia suas próprias “profecias”.⁵

Coroando essa celeuma, começaram a pulular por toda a parte livros apócrifos – da palavra grega *ἀπόκρυφος*, *apokryphos*, escondido –, termo que de início designava “escritos ocultos” e depois foi aplicado também aos vários textos de estilo bíblico que, apresentados como inspirados, eram na realidade obra de falsificadores, alguns piedosos até, outros muitas vezes heréticos. A multiplicação dessas composições concorreu largamente para disseminar a dúvida entre os fiéis, que não sabiam distinguir o falso do verdadeiro.

Foi necessário, então, que o Magistério da Igreja se pronunciasse de modo oficial a fim de esclarecer quais textos eram de fato revelados e quais eram espúrios.

A sábia intervenção da Igreja

Para esse delicado procedimento de seleção, a Santa Igreja precisou discernir nos escritos dos homens a voz do Senhor. “A inspiração bíblica é uma ação sobrenatural de Deus, ao mesmo tempo discreta e profunda, que respeita plenamente a personalidade dos autores humanos – pois Deus não mutila o homem que Ele mesmo fez – mas o eleva acima de si mesmo, já que é capaz de fazê-lo. Assim, os livros nascidos da atividade desses autores não são apenas humanos, mas divinos; eles não expressam apenas um pensamento humano, mas o pensamento de Deus. E, no entanto, eles estão enraizados na natureza humana: neles tudo é do homem e tudo é de Deus”.⁶

Para definir o cânon bíblico, foi necessário enfrentar polêmicas, combater hereges, discernir entre textos revelados e escritos apócrifos

Na análise dos diversos textos foram utilizados três critérios, que podem ser catalogados em *externos*, *internos* e *eclesiais*.

Por critérios *externos* entende-se a necessidade de que o texto provenha dos tempos apostólicos, seja ortodoxo – tanto eclesiástica como doutrinariamente –, possua concordância e unidade em sua mensagem, e seja instrutivo para a comunidade.

Os critérios *eclesiais* consistem em que o escrito seja aceito por um grande número de igrejas particulares antigas, e que as autoridades eclesiásticas oficiais o tenham reconhecido e citado como Escritura. O papel da Tradição foi, portanto, vital nesse sentido: “A Sagrada Escritura é a Palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito Santo; a Sagrada Tradição, por sua vez, transmite integralmente aos sucessores dos Apóstolos a Palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos Apóstolos, para que eles, com a luz do Espírito de verdade, a conservem, a exponham e a difundam fielmente na sua pregação”.⁷

Já os critérios *internos* são os mais importantes, pois visam reconhecer a inspiração do texto. Sobre esta característica apenas a Santa Igreja tem múnus para julgar, uma vez que só ela pode dis-



Fotos: Reprodução



Gustavo Kraij

À esquerda, “Apocalipse de São Pedro” - Biblioteca Nacional da Áustria, Viena, e “Evangelho de Maria” - Museu Ashmolean, Oxford (Inglaterra), manuscritos apócrifos. À direita, São Jerônimo e Santo Agostinho, detalhe de “Apoteose de São Tomás de Aquino”, por Francisco de Zurbarán - Museu de Belas Artes de Sevilha (Espanha)



Os quatro Evangelistas, por Francisco de Zurbarán - Museu de Cádiz (Espanha)

cernir infalivelmente quando um livro foi de fato inspirado pelo Espírito Santo.

Assim, Mãe e Mestra da verdade, a Igreja foi apaziguando as querelas e indicando os rumos a seguir. A partir do século IV a palavra cânon, tanto no sentido de coleção de livros bíblicos reconhecidos pelo Magistério quanto no de regra de fé, passou a ser usada na Igreja latina. Sabe-se, com efeito, que um documento do concílio local de Laodiceia, celebrado cerca do ano 360, utilizou pela primeira vez o adjetivo *canônico*, referindo-se aos Livros Sagrados.⁸ Mais tarde foi promulgada a definição dogmática do atual cânon das Escrituras, no decreto *De Canonicis Scripturas* do Concílio de Trento, que afirma ser de fé católica que todos os livros recolhidos na lista são sagrados, inspirados e canônicos.⁹

Desde então os livros canônicos podem ser classificados em protocanônicos e deuterocanônicos, dando sequência à nossa lista de palavras pouco conhecidas. A partícula grega *πρώτο*, *proto* significa *primeiro*; e *δεύτερο*, *deutero*, por sua vez,

A Igreja, Mestra da verdade, indicou os rumos a seguir; e assim recebemos o tesouro da Sagrada Escritura, legado apostólico e baluarte de nossa Fé

segundo. Protocanônicos são, pois, os primeiros livros a serem reconhecidos canonicamente, aqueles que, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo, sempre foram tidos como revelados; e os deuterocanônicos são os livros reconhecidos depois, após séculos de discussões relativas à sua inspiração divina. Fazem parte da lista dos deuterocanônicos do Novo Testamento a Carta aos Hebreus, a Carta de São Tiago e a de São Judas, a Segunda Carta de São Pedro, a Segunda e a Terceira Cartas de São João e o Apocalipse.

Assim chegou até nós

É surpreendente pensar que tantas controvérsias aconteceram já nos primeiros séculos do Cristianismo! Ora, a Bíblia ainda teria de enfrentar as veleidades do Renascimento e da Reforma, os embates contra as adulteradas traduções de Lutero, de Zwinglio e de Calvino, as implicâncias dos pesquisadores modernos, os esclarecimentos reveladores da ciência... enfim, uma verdadeira odisséia.

Apesar de tudo, as decisões de Trento perduraram e foram reiteradas em diversos documentos magisteriais posteriores, como a Constituição Dogmática *Dei Filius*, do Concílio Vaticano I, a Encíclica *Providentissimus Deus*, de Leão XIII, e a Constituição Dogmática sobre a Divina Revelação *Dei Verbum*, do Concílio Vaticano II, que deu por encerrados os séculos de discussão.

Assim foi que recebemos o tesouro da Sagrada Escritura, legado apostólico e baluarte de nossa Fé, Livro escrito por Deus para iluminar a História dos homens! ✨

¹ Cf. PAUL, André. *La inspiración y el canon de las Escrituras*. Navarra: Verbo Divino, 1985, p.45-47.

² Desde tempos antigos, os judeus separavam seus escritos sagrados em três grupos: a *Torah*, que significa lei, compunha-se do Pentateuco; os

Nebiim, profetas, reunia os livros proféticos; e os *Ketubim*, ou seja, escritos, agrupavam o restante das obras.

³ Apesar disso, reminiscências destes escritos e referências a eles são encontrados na *midrash* judaica.

⁴ Cf. ARTOLA, Antonio M.; CARO, José Manuel Sánchez. *Biblia y Palabra de Dios*. Navarra: Verbo Divino, 1989, p.90-100.

⁵ Cf. BARUCQ, A.; CAZELLES, H. Los libros inspirados. In: ROBERT, A.; FEUILLET, A. (Dir.). *Introducción a la Biblia*.

2.ed. Barcelona: Herder, 1967, v.I, p.69-70.

⁶ Idem, p.36.

⁷ CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*, n.9.

⁸ Cf. ARTOLA, op. cit., p.64.

⁹ Cf. DH 1501-1505.

Em que língua fala o Espírito Santo?

Ao inspirar os varões que compuseram os Livros Sagrados, aprouve ao Divino Paráclito Se utilizar dos idiomas próprios de cada um. Mas, nas centenas de páginas dos originais da Bíblia, somente três línguas acabariam figurando.

✦ João Pedro Serafim Freitas Pereira



Com seu estilo característico, São Lucas nos oferece uma descrição detalhada a respeito do acontecimento que marcou os primórdios da Igreja: Pentecostes. Após as línguas de fogo pousarem sobre cada um dos Apóstolos, “ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia” (At 2, 4). Esse maravilhoso fenômeno que sobrepassa as capacidades comuns da inteligência humana, denominado *glossolalia* pelos teólogos, é elencado por São Tomás de Aquino¹ entre as graças *gratis date*, ou seja, aquelas concedidas gratuitamente a alguém, não para seu proveito pessoal, mas para benefício dos demais.

Tratou-se evidentemente de um acontecimento excepcional, pois o aprendizado de um novo idioma re-

quer esforço e aplicação, mais ou menos intensos de acordo com as facilidades e aptidões de cada um. Somente o Espírito de Inteligência poderia operar tamanho prodígio...

Algo diverso, porém, se passou quando os autores sagrados consignaram, sob a inspiração do mesmo Espírito Santo, a Palavra de Deus por escrito. Segundo os designios da Divina Providência, as Escrituras não deveriam ser uma complexa “sinfonia de línguas”, como a do dia de Pentecostes. Ao inspirar os varões que compuseram os Livros Sagrados, aprouve ao Paráclito Se utilizar dos idiomas próprios a cada um e, por isso, tão somente três idiomas figuram nos manuscritos originais da Bíblia.

O primeiro idioma dos textos sagrados

Compostas entre os séculos XIII a.C. e I d.C., as Escrituras narram em sua parte histórica fatos que se de-

senrolaram na região do Mediterrâneo Oriental, Norte da África e Oriente Médio. Lutas, vitórias e derrotas, dores e alegrias, milagres e provações... Grandes momentos viveram os israelitas nos quatorze séculos em que se redigiram os Livros Sagrados! Consideráveis também foram as mudanças que concorreram para alterar os costumes do povo eleito nesse longo período.

Não há dúvida de que o hebraico foi o primeiro idioma utilizado pelos filhos de Abraão ao compor as Sagradas Escrituras. Apesar de pouco conhecermos a respeito dos textos originais, os escritos neste idioma constituem quase a totalidade do Antigo Testamento.

Sabemos que circulava entre os judeus uma rica variedade de versões hebraicas da Bíblia. Com efeito, no primeiro século de nossa era o judaísmo estava assaz dividido entre si, contando com quatro facções principais: fariseus, saduceus, zelotas e essênios, cada qual com a sua versão própria dos Livros Sagrados. Com a invasão de Jerusalém no ano 70 d.C. e as posteriores guerras

Os autores sagrados consignaram a Palavra de Deus por escrito em diferentes idiomas e contextos históricos, mas sob a inspiração do mesmo Espírito Santo

“Os profetas Jeremias e Baruc”, por Rutilio di Lorenzo Manetti - Galeria Nacional de Arte Antiga, Roma

O hebraico foi o primeiro idioma utilizado pelos filhos de Abraão ao compor as Sagradas Escrituras, sendo mais tarde substituído pelo aramaico

Livro de Isaías em um dos manuscritos em hebraico encontrados no Mar Morto - Museu de Israel, Jerusalém



romanas, essa multiplicidade de seitas, e em consequência de textos bíblicos, cessou. Destruído o Templo, extinguiu-se a função dos saduceus; os essênios desapareceram quando as tropas de Tito arruinaram suas propriedades em Qumran; por fim, em 135 d.C., quando Roma logrou eliminar a revolta dos zelotas, estes se desagregaram. O único conjunto a restar foi o dos fariseus, aos quais se associa a versão bíblica que permaneceu e se impôs como única no judaísmo: a do texto pré-massorético.²

Este possuía, como qualquer escritura da língua hebraica, somente consoantes, dado que as vogais eram transmitidas no aprendizado oral. Tal característica do idioma hebraico tornou-se, com o tempo, causa de dúvidas em relação a certos vocábulos cujas consoantes podiam ser pronunciadas de formas diversas, originando significados também diversos. Por isso, a partir do século VII judeus denominados *massoretas* – nome derivado do vocábulo *massora*, que significa *tradição* – vocalizaram o texto.

Durante muito tempo – a bem dizer, até o século passado – julgou-se que o texto pré-massorético, elaborado no século II,³ fosse o mais antigo. Mas um acontecimento completamente fortuito viria a desmentir essa hipótese.

Em princípios de 1947 um pastor beduíno estava de passagem pela região denominada Khirbet-Qumran, nas cercanias do Mar Morto. Enquanto adestrava sua pontaria atirando pedras nas numerosas cavidades das montanhas, ouviu o ruído característico de cerâmica que se estilhaçava. Apressadamente se dirigiu ao local, onde pôde verificar o ocorrido: uma das pedras

atingira um vaso que continha valiosos papiros e pergaminhos bíblicos, e havia outras nove ânforas na gruta... Estudos posteriores verificaram que os escritos pertenciam à comunidade dos essênios e podiam ser datados entre os séculos III a.C. e I d.C.⁴

A nova língua de Judá: o aramaico

Desde o século XIII a.C., o hebraico permaneceu como único idioma a veicular a Palavra de Deus nos manuscritos sagrados. Com o passar do tempo, porém, outro idioma também seria utilizado pelos hagiógrafos: o aramaico, que encontramos em curtos trechos dos Livros de Daniel, Esdras e Jeremias. O que determinaria essa mudança?

A língua aramaica era o idioma oficial do Império Assírio, bem como dos dois que o sucederam, o Babilônico e o Persa. Durante o governo de Acáz, no século VIII a.C., o Reino de Judá tornou-se vassalo da Assíria, como consequência da guerra siro-efraimita,⁵ e se extinguiu em 600 a.C. com a queda deste império ante ao poderio militar babilônico. Em 587 a.C. o exército de Nabucodonosor II tomou Jerusalém e grande parte dos judeus foi deportada para a Babilônia. Iniciou-se o período de exílio no qual estes passariam, nada mais, nada menos, cinquenta anos fora de sua pátria.⁶

Somente em 539 a.C. é que Ciro, rei da Pérsia, tendo conquistado Babilônia e dominado todos os povos sujeitos a ela, permitiria aos judeus regressarem a Jerusalém e reconstruírem o Templo.

E foi a propósito desses acontecimentos que o aramaico penetrou na cultura popular judaica, substituindo o hebraico, e ali perdurou durante muitos séculos, a

ponto de ser a língua vulgar nos tempos de Nosso Senhor Jesus Cristo.⁷

Com Alexandre Magno, uma nova era

Os anos se passaram e o grande Império Persa entrou em declínio, dando lugar a outra potência que emergia no horizonte.

As Escrituras descrevem que, “já senhor da Grécia, Alexandre, filho de Filipe da Macedônia, oriundo da terra de Cetim, derrotou Dario, rei dos persas e dos medos, e reinou em seu lugar. Empreendeu inúmeras guerras, apoderou-se de muitas cidades e matou vários reis da região. Avançou até os confins da terra e apoderou-se dos despojos de uma multidão de nações. A terra calou-se diante dele. Tornando-se altivo, seu coração ensoberbeceu-se. Reuniu um imenso exército, impôs seu poderio aos países, às nações e reis, e todos se tornaram seus tributários” (I Mac 1, 1-5).

No século IV a.C. Alexandre Magno, contando apenas trinta anos de idade, expandiu seu vasto império por toda a região do Mediterrâneo Oriental e Oriente Médio. Aos poucos suas novas terras mudaram de fisionomia, assumindo os característicos traços do helenismo. Entre os israelitas, mais uma vez houve casos de apostasia e infidelidade à religião. Segundo narra o Primeiro Livro dos Macabeus, “saíram também de Israel uns filhos perversos que seduziram a muitos outros, dizendo: ‘Vamos e façamos uma aliança com os povos que nos cercam, porque, desde

que nos separamos deles, caímos em infortúnios sem conta’. Semelhante linguagem pareceu-lhes boa e houve entre o povo quem se apressasse a ir ter com o rei, o qual concedeu a licença de adotarem os costumes pagãos” (1, 12-14).

Depois da inesperada morte de Alexandre em 322 a.C., o gigantesco império foi fragmentado entre seus generais. Os judeus, que até então gozavam de certa paz, ficaram submetidos ao domínio dos Ptolomeus, que logo lhes desferiram um terrível golpe: em 312 a.C. apoderaram-se da cidade de Jerusalém, que viu parte de seus habitantes ser deportada para Alexandria, no Egito.⁸

Nesta cidade se daria um fato de destacada importância na história da Bíblia.

O grego nas Escrituras

Segundo uma antiga tradição – mais simbólica que estritamente histórica – o Rei egípcio Ptolomeu II, com o intuito de reunir em sua biblioteca todos os escritos do mundo antigo, enviou a Jerusalém um grupo de representantes para obter uma cópia das Escrituras, bem como alguns estudiosos capazes de traduzi-las ao grego. Para tal intento foram escolhidos setenta e dois sábios que, numa ilha próxima a Alexandria, concluíram seus próprios trabalhos em setenta e dois dias. Por um maravilhoso prodígio, as traduções de cada um coincidiam, palavra por palavra, com os textos dos demais, sinal claro da intervenção e inspiração divinas. A obra ficaria conhecida como *Versão dos Setenta*. Vale notar que a maior parte das citações do Antigo Testamento

utilizadas no Novo Testamento provém dessa versão.

No cânon bíblico também existem textos redigidos diretamente em língua grega, como por exemplo o Livro da Sabedoria, os dois Livros dos Macabeus e algumas partes dos Livros de Ester e de Daniel. Além disso, todo o Novo Testamento – com exceção, segundo autores antigos, do Evangelho de São Mateus, redigido em aramaico, e da Epístola aos



Independentemente de seus respectivos idiomas, os hagiógrafos tornaram-se depositários da Palavra “viva e eficaz”

São João Evangelista, “Grandes horas de Ana da Bretanha” - Biblioteca Nacional da França, Paris

Hebreus, composta por São Paulo em hebraico e traduzida por São Lucas ao grego – foi escrito nesse idioma.⁹

À era helenística sucedeu a romana: o domínio dos césores atingiu uma enorme amplitude, abrangendo toda

a região do Mediterrâneo. O idioma grego, entretanto, permaneceu profundamente arraigado em grande parte do império. Esse fator foi decisivo para que o Cristianismo pudesse se expandir. Tendo recebido de Nosso Senhor o mandato de ir por todo o mundo e pregar o Evangelho a toda criatura (cf. Mc 16, 15), os Apóstolos e discípulos dispunham de um idioma considerado como universal e de uma tradução do Antigo Testamento nessa língua, a Versão dos Setenta, que a Igreja assumiria posteriormente como própria.¹⁰

Afinal, qual é a língua do Espírito Santo?

Hebraico, aramaico ou grego. Qual das três línguas resultou a mais apropriada para transmitir a Revelação? A verdade é que, independentemente de seus respectivos idiomas, os hagiógrafos tornaram-se autênticos depositários da Palavra “viva e eficaz” (Hb 4, 12).

Se contemplarmos de um patamar mais elevado a história da filologia sagrada, veremos que o hebraico possui o inestimável valor de ser a língua na qual eminentes profetas vaticinaram acontecimentos trágicos e grandiosos, sobretudo a vinda do Messias; o aramaico, a imensa glória de ser o idioma de Nosso Senhor Jesus Cristo; o grego, o singular mérito de ter sido utilizado para compor os Santos Evangelhos...

As três línguas em conjunto são, enfim, de uma grandeza incomparável pois, em determinado momento, serviram como instrumento do Divino Paráclito que Se manifesta a quem quer, no momento e no idioma que quer. ✚

¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I-II, q.111, a.4.

² Cf. CARBAJOSA, Ignacio; ECHEGARAY, Joaquín González; VARO, Francisco. *La Biblia en su entorno*. Estella: Verbo Divino, 2020, p.450-451.

³ Cf. Idem, p.450.

⁴ Cf. Idem, p.468; 471.

⁵ Samaria e Damasco se coligaram para atacar o Reino de Judá, pois este não quis unir-se a eles para combater o poder assírio. Ante tal ameaça Acáz pediu auxílio a Teglat-Falasar III, rei da Assíria.

⁶ Cf. CASCIARO, José Maria (Dir.). Introdução. In: *Sagrada Biblia. Antigo Testamento. Livros Históricos*. 2.ed. Pamplona: EUNSA, 2005, p.17-18.

⁷ Cf. CARBAJOSA, op. cit., p.426.

⁸ Cf. SANTOS, Moisés Alves dos. Introdução aos Livros dos

Macabeus. In: *Bíblia Sagrada. Edição de estudos*. 9.ed. São Paulo: Ave-Maria, 2018, p.679.

⁹ Cf. MÁLEK, Ludvik et al. *El mundo del Antigo Testamento*. Estella: Verbo Divino, 2021, p.379-380.

¹⁰ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*, n.22.



Por que ler a Bíblia?

O que visamos quando ouvimos uma palestra, assistimos a uma peça de teatro, lemos um livro ou, enfim, tomamos contato com qualquer espécie de texto? Na primeira parte do escrito *Este é o livro dos mandamentos de Deus*, uma de suas primeiras aulas, São Tomás explicita aquilo que todos buscamos num bom orador ou numa boa leitura: *ensino* para a ignorância, *deleite* para o tédio e *comoção*, ou estímulo, para a obtusidade.

Esses três benefícios encontram-se de forma eminente nas Sagradas Escrituras. Explica o Doutor Angélico que a *Sacra Pagina* – como os medievais denominavam a Bíblia – *ensina* firmemente pela verdade eterna de suas palavras, *deleita* por sua utilidade e *convence* com eficácia pela força de sua autoridade.

Em nosso século, quando o turbilhão de doutrinas vazias causa a estranha sensação de que tudo é caos, mentira e ilusão, onde encontrar o ensinamento seguro, que sacia o desejo natural do homem pela verdade, senão naquela “Lei que subsiste eternamente” (Br 4, 1)?

Explica o Aquinate que o caráter eterno da doutrina das Escrituras provém da autoridade divina que a profere: “Se o Senhor dos exércitos decidiu, quem poderá revogar?” (Is 14, 27). Com efeito, “o Senhor não é homem para que minta, nem criatura humana para que se arrependa” (Nm 23, 19). Ele mesmo afirmou de Si: “Eu sou o Senhor e não mudo” (Ml 3, 6).

A Palavra de Deus também comove a vontade pela sua necessidade. Quando menciona a comoção, São Tomás não se refere a um mero estremecimento interior e sentimental, mas a um

incentivo a agir virtuosamente: “co-mover”. De fato, o homem será julgado segundo suas ações nesta vida. Como agir com retidão e santidade se não orientados pela luz divina e impedidos pela caridade? Assim, a verdade contida nas Escrituras, alimentando a fé e o amor, impulsiona às boas obras, sem as quais ninguém se salvará.

A Bíblia, portanto, tem uma autoridade pela qual convence quem entra em contato com ela. Essa autoridade mostra-se eficaz por três motivos: primeiro, pela sua origem, que é Deus; segundo, pela necessidade de se crer, pois assim nos ordena Cristo; terceiro, pela uniformidade de seu ensinamento.

Além de instruir seguramente a inteligência e robustecer a vontade, a *Sacra Pagina* também deleita e atrai por sua utilidade: “Sou Eu, o Senhor teu Deus, que te ensina coisas úteis” (Is 48, 17). Útil é qualquer bem que nos auxilia a alcançar outro maior. Nesse sentido, a

proficuidade das Sagradas Escrituras se revela máxima e universal, pois nos encaminha para o melhor de todos os bens: “Aqueles que a guardam alcançam a vida” (Br 4, 1).

Que vida é esta? Segundo o Aquinate, ela se divide em três: a vida da graça, pela qual participamos – já nesta terra! – da própria vida divina; a da justiça, que consiste nas boas obras – impossíveis de serem praticadas sem o auxílio celeste; e a da glória, na qual veremos a Deus como Ele é.

Em suma, as Escrituras, ao lado da Sagrada Tradição, constituem o “mapa” que Deus concedeu aos homens para encontrar o caminho que antecipa e conduz à pátria celeste: “Aquele que procura meditar com atenção a Lei perfeita da liberdade e nela persevera – não como ouvinte que facilmente se esquece, mas como cumpridor fiel do preceito –, este será feliz no seu proceder” (Tg 1, 25). ✚

As Escrituras, ao lado da Sagrada Tradição, constituem o “mapa” que Deus concedeu aos homens para encontrar o caminho que antecipa e conduz à pátria celeste

Detalhe de “A leitura da Bíblia”, por Elisabeth Baumann - Coleção particular

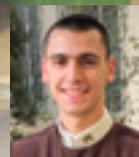


Reprodução

Uma “traição” à Palavra de Deus?

Seu texto foi o mais copiado da História e um dos preferidos entre os seletos da imprensa. Espalhado por todos os cantos da terra, no medievo tornou-se o grande livro de estilo e inspiração para escritores, eruditos e sábios.

✦ **Ângelo Francisco Neto Martins**



A injustiça pode penetrar até nos âmbitos mais insuspeitos da cultura humana. A prova é que se infiltrou nos provérbios, como bem exemplifica o adágio italiano: “*Traduttore traditore* – O tradutor é um traidor”. Mas, apesar do agravo que lança ao honrado ofício, tal aforismo tem seu quê de verdade.

Quem não consideraria uma traição traduzir *saudade* por *añoranza*, *longing*, *regret* ou *rimpianto*? Os matices que tornam tão expressiva nossa palavra perpassam por essas traduções tanto quanto a luz por um vidro fosco: sem clareza, confusa e pardacenta.

Uma tradução impossível

Para mitigar essa consequência do pecado de Babel (cf. Gn 11, 7-9), o tradutor que não deseje ser traidor deve conhecer perfeitamente o idioma que interpreta e aquele para o qual traduz. E isso tanto no que tange à gramática, sintaxe ou semântica, quanto aos provérbios típicos, às nuances de cada expressão, às interjeições, metáforas, ironias, ordem das palavras, subentendidos... tudo, enfim, que faz a eloquência de um povo.

Mas não só. É obrigação sua conhecer a fundo a obra em questão e, mais do que tudo, o autor: suas convicções e

intenções, sua personalidade e modos de dizer, ser e entender, seu contexto histórico, sua vida, suas experiências. Antes mesmo que o livro, é necessário entender quem o compôs.

Agora imagine o leitor uma obra impossível, ou quase, de se verter a outro idioma: um livro escrito em línguas diferentes – de preferência com gramáticas e alfabetos diversos – e variado quanto aos estilos literários; elaborado ao longo de séculos para povos de todas as épocas; dotado de sentido tanto literal quanto alegórico; no qual não haja palavra alguma sobrando nem faltando; cujo autor, ou melhor, cujos autores fossem conhecidos quase exclusivamente por meio dessa obra e que não tivessem

sido senão “plumas” de um único Autor capaz de semelhante variedade. Haveria alguém com coragem para encetar tal tradução?

Sim, seu nome foi Jerônimo. E esse livro é a Bíblia Sagrada.

Preparação inadvertida

São Jerônimo reuniu em si todas as qualidades mencionadas para o desempenho de tão arriscada missão: do lado humano, o domínio do latim, grego, síriaco e hebraico, bem como de literatura e exegese; da parte espiritual, a santidade para compreender ortodoxamente as páginas sagradas, ponto indispensável já que só entende a Deus aquele que O ama. Como, pois, terá o Divino Inspirador das Escrituras preparado o seu intérprete?

Nascido em 347 de uma abastada família de origem grega, em Estridão – fronteira do Império Romano e cruzamento de povos, falas e culturas –, ainda jovem é enviado para estudar na Urbe. Ali segue por quatro anos as aulas de gramática, retórica e literatura do famigerado Élio Donato, reputado como o melhor mestre de então. Distingue-se dos colegas por sua capacidade intelectual, pela avantajada memória e pelo devotamento às letras

A fidedigna tradução da Bíblia era uma tarefa quase impossível, mas houve um homem que foi capaz de realizá-la: São Jerônimo

romanas, o qual redundou na organização de uma enorme biblioteca pessoal. Os primeiros equipamentos para a sua missão estavam conquistados: o latim, a literatura e a erudição.

Se por este lado contrasta com seus companheiros, quanto aos costumes é-lhes idêntico: ainda não batizado – era o tempo em que os homens recebiam as águas regeneradoras quando adultos –, com dinheiro e amigos licenciosos, sem qualquer parente a freá-lo, Jerônimo leva uma vida correspondente à proverbial corrupção de Roma. Por pouco tempo, porém...

O edito de 17 de junho de 362, promulgado por Juliano, o Apóstata, retirava certos direitos dos católicos. Mas o que não supunha o César é que um estudante se serviria desse começo de perseguição para afirmar sua fé: Jerônimo, com o ardor da mocidade e do temperamento, inscreve-se entre os catecúmenos, sendo batizado três anos depois pelo Papa Libério. Daí em diante seria católico na força do termo; aquilo que hoje talvez se chamaria de “fanático”... Terminados os estudos, resolve encetar a via religiosa: parte a pé para o Oriente ansiando pelo deserto. Na primavera de 375 chega a uma comunidade cenobita em Cálcis, onde passa dois anos em meio a penitências, tentações, enfermidades e arroubos de amor a Deus. Conquista assim outro elemento indispensável à sua vocação: a santidade.

Para fugir às seduções da carne que de contínuo o assaltam em seu retiro, passa o tempo aprendendo o hebraico com um judeu convertido. Pouco depois, deixa o ascetério e, ordenado presbítero em Antioquia, mesmo local onde seguira aulas de exegese, parte para o Concílio de Constantinopla em 381. Aí aperfeiçoa vertiginosamente os rudimentos de grego que possuía e as suas

já suculentas bases exegéticas. Dois passos rumo ao cumprimento do desígnio divino: desenvoltura em mais dois dos idiomas das Escrituras Sagradas – lhe faltaria para sempre um perfeito aramaico – e a arte de interpretá-las.

Uma missão arriscada

O mencionado concílio bizantino precedeu de perto um outro realizado em Roma. Abertas as sessões, vemos-o redigindo as atas enquanto secretário papal... Sim, Jerônimo de Estridão, que havia pouco era um monge do



“São Jerônimo entrega a São Dâmaso a tradução dos Evangelhos”, por Alessandro Allori - Igreja de Santa Maria Novella, Florença (Itália). Na página anterior, “São Jerônimo em seu estúdio”, por Vincenzo Catena - Galeria Nacional, Londres

Enquanto secretário papal, Jerônimo recebeu de São Dâmaso a incumbência de traduzir o Novo Testamento para o latim

deserto! Acompanhando o seu Bispo à Cidade Eterna, foi agregado aos serviços em Latrão por ser visto como um *expert* cristão – raridade! – nas línguas bíblicas. A par dessas funções, escreve e traduz abundantemente, nunca abandonando os estudos.

São Dâmaso, Sumo Pontífice nesses anos, intuindo um especial chamado no jovem secretário, testa-lhe as capacidades: pede que explique o significado do termo *Hosanna* e resolva outras questões bíblicas. As respostas se apresentam tão rápidas e fulgurantes – acompanhadas ainda de um tratado contra o herege Helvídio e da tradução de várias obras exegéticas de Orígenes – que o Papa ousa desalojar de suas preocupações um problema que ali residia havia muitos anos: a tradução do Novo Testamento.

Circulavam, então, pelo mundo católico múltiplas traduções latinas das páginas sagradas: contraditórias, falhas, pobres, eram “tantas as versões quantos os manuscritos”¹. Tratava-se da chamada *Vetus Latina*. A solução estava numa revisão encetada por uma só cabeça. E essa cabeça só poderia ser a de Jerônimo. Chegando a esta conclusão, São Dâmaso pede no ano de 383 a tradução do Novo Testamento ao seu secretário. A demora nunca coexistiu com este que, num trabalho cuja velocidade até hoje espanta, em 384 entrega ao Papa uma versão latina dos Evangelhos por ele traduzida com base em fidedignos textos gregos.

Apesar do apoio do Santo Padre, a obra recebeu ataques de todos os quadrantes. Falava-se de um desrespeito para com as antigas edições. Mas Jerônimo, apoiado pelo Pastor dos pastores, nada temia; a tal ponto que escrevia abertamente contra a vida dissoluta dos clérigos e monges romanos. Nada temia... até o dia da morte

de São Dâmaso. A perseguição que então contra ele se levantou obrigou-o a voltar ao Oriente em 385. A partir de então residiria em Belém.

A vocação ou o mundo

Em seu novo domicílio, São Jerônimo empenhou-se na continuação da revisão dos textos bíblicos latinos. Seu objetivo era agora passar à língua de Virgílio todo o Antigo Testamento. O trabalho era mais extenso, mas aparentava menos dificuldades. De fato, a versão grega dos Setenta – Septuaginta –, a partir da qual se procederia à tradução, era um texto em extremo confiável, o mais utilizado pela Igreja primitiva, o mais respeitado, quase sagrado. Não haveria grandes obstáculos.

O nosso santo biblista desenvolvia seu ofício manuseando a Hexapla de Orígenes,² a qual cotejava as versões mais conceituadas do Antigo Testamento. Mas à medida que o fazia apercebia-se de não poucas divergências entre a Septuaginta e a Hebraica. Não se incomodou, porém, o bastante para deixar a famosa versão grega,

limitando-se a algumas correções. Voava para a conclusão do trabalho, e só um grave acontecimento o poderia deter. E foi exatamente um grave acontecimento que se deu: numa manhã o tradutor constatou que as folhas que continham o fruto de quatro anos de esforços – entre 386 e 390 – haviam desaparecido.³

Vendo nisso um sinal divino, deixou a Versão dos Setenta apenas como escora e resolveu-se ao heroísmo de se basear apenas nos “originais” hebraicos. Heroísmo? Sim, pois sabia que meio mundo, ou mundo e meio,

se levantaria contra ele: já havia rejeitado os tradicionais textos latinos e agora “desrespeitaria” a tão veneranda Bíblia dos Setenta... Aos olhos de seus contemporâneos, era quase um sacrilégio.

A despeito do apuro geral, o tradutor encetou aquilo que sabia ser sua vocação: no ano 392 terminou o saltério e os profetas, até 396 os livros históricos – com exceção dos Juízes, revistos até 400 – e o de Jó, em 400 os sapienciais e o Pentateuco. Concluiria entre 404 e 405 os deuterocanônicos, como que transportado em asas: o Livro de Tobias traduziria em uma jornada e o de Judite em uma noite. Esse conjunto de traduções começou a suplantando os antigos textos latinos e, devido à sua extensa divulgação, passou a cognominar-se de *Vulgata*.

Assim, apesar do pouco reconhecimento humano à sua obra, o Estridonense deixava eximamente traduzida toda a Escritura. As gerações posteriores lhe agradeceriam, e com razão. Com a “verdade hebraica”, São Jerônimo restituiu aos cristãos várias profecias messiânicas que não se percebiam na versão grega,

desta eliminou determinadas confusões e fez calar o escárnio dos judeus que riam das traduções cristãs.⁴ Acrescentemos que, contrariamente a muitas versões anteriores, a Vulgata não traduz palavra por palavra as passagens bíblicas. Ademais, transposto para o latim com o talento literário digno de um Cícero, seu texto era de leitura agradável para os ouvidos sempre sensíveis dos romanos. Lembremo-nos que personagens como Santo Agostinho, e o próprio São Jerônimo, demoraram para encontrar gosto nas Sagradas Escrituras devido a este pormenor estilístico.⁵

O Santo biblista resolveu-se ao heroísmo de se basear apenas nos “originais” hebraicos, e suas traduções suplantaram os antigos textos latinos



“São Jerônimo em disputa com os Doutores da Lei”, por Filippo Vitale - Academia de São Lucas, Roma

De Jerônimo até nós

Consequência: os fiéis se aproximaram dos prados sempre verdejantes da Revelação. O texto da Vulgata foi o mais copiado da História e um dos preferidos entre os seletos da imprensa:



Reprodução

São Jerônimo, por Carlo Crivelli -
Galeria Nacional, Londres

a sua enorme difusão é uma realidade ofuscante.⁶ Espalhado por todos os cantos da terra, no medievo tornou-se o grande livro de estilo e inspiração para os escritores, eruditos e sábios.

Mais do que isso, foi a versão sobre a qual a Santa Igreja solidificou sua doutrina, por meio dos concílios. Um dos decretos de Trento declara que “a antiga edição Vulgata, aprovada pela Igreja, já de uso secular, deve ser tida como autêntica [...] e que ninguém, por nenhuma razão, pode ter a audácia ou presunção de rejeitá-la”.⁷ Posteriormente dela se fará uma revisão crítica, a Nova Vulgata, promulgada em 1979 na Constituição apostólica *Scripturarum thesaurus* e utilizada pela Igreja latina na Liturgia e nos documentos oficiais.

A maioria das versões vernáculas, ademais, foram elaboradas a partir do trabalho de São Jerônimo. De maneira que a Esposa Mística de Cristo ouve a voz de seu Deus a partir desta tradução, refuta os hereges com ela em mãos e, lendo-a, ensina os seus filhos.

*Cognominada
“Vulgata”, o texto de
São Jerônimo espalhou-
se pela terra, e foi sobre
esta versão da Bíblia
que a Igreja solidificou
sua doutrina*

Provavelmente, é a Bíblia que o leitor tem em casa...

Uma traição?

Por fim, a pergunta dolorosa: se o tradutor costuma ser um traidor, não será que a Vulgata atraiçoa o Divino Inspirador dos textos sagrados? Se nas Escrituras até a “própria estrutura das palavras involucra um mistério”⁸ e “a verdade do dogma às vezes se decide a partir de uma só sílaba”,⁹ como supor que uma tradução justifique todas as interpretações que dois mil anos de exegese não puderam ainda esgotar? Não terá São Jerônimo reduzido à falibilidade humana a infinita grandeza da Revelação de Deus?

Pelo contrário, o asceta de Belém conferiu segurança à fraqueza humana, concedendo-lhe uma versão fiável das Escrituras, e levou a todo o orbe, sem sair de sua cela, a semente da Palavra Sagrada que floresceria em homilias, meditações e orações de tantos homens e mulheres.

A indiscutível autoridade da Vulgata sobrevém de um título de seu autor. Não o de erudito, exegeta ou linguista, nem o de biblista, tradutor ou literato, mas o que mencionamos antes do nome de Jerônimo: Santo. Sobretudo, valeu-lhe o respeito das gerações o fato de a Santa Igreja, sempre assistida pelo Espírito Santo, a ter assumido como própria. A humanidade repousa tranquila sobre as sagradas páginas, pois que sabe que todos poderiam trair a Deus, exceto um Santo... e, menos ainda, sua própria Esposa Mística. ✚

¹ SÃO JERÔNIMO. Prólogo a los Libros de Josué y de Jueces. In: *Obras Completas*. Madrid: BAC, 2002, v.II, p.467.

² Composta por Orígenes entre os anos 228 e 240, trata-se da mais importante obra de crítica textual da Antiguidade cristã, a qual confrontava em seis colunas paralelas o texto da Septuaginta com o texto hebraico

e outras versões gregas do Antigo Testamento. Jerônimo se utilizou especialmente da quinta coluna, que apresentava a Versão dos Setenta (cf. HEXAPLA. In: HERIBAN, Jozef. *Dizionario terminologico-concettuale di scienze bibliche e ausiliare*. Roma: LAS, 2005, p.473-474).

³ Cf. BERNET, Anne. *Saint Jérôme*. Étampes: Clovis, 2002, p.345.

⁴ Cf. CARBAJOSA, Ignacio. “*Hebraica veritas versus Septuaginta auctoritatem*”. *Existe un texto canónico del Antiguo Testamento?* Estella: Verbo Divino, 2021, p.43-53.

⁵ Cf. SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. L.3, c.5, n.9.

⁶ Cf. BERZOSA, Alfonso Ropero. Versiones latinas. In: *Gran diccionario enciclopédico de la Biblia*. 7.ed. Barcelona: Clie, 2021, p.2603.

⁷ DH 1506.

⁸ SÃO JERÔNIMO. Epistola LVII, n.5. In: *Obras Completas*. Madrid: BAC, 2013, v.Xa, p.569.

⁹ DH 2711.

O cristal defendido pelo leão

“Tuas invectivas, lançadas com a mesma boca com que caluniaste Maria, serão para mim motivo de glória”. Assim São Jerônimo encerra o primeiro tratado patrístico dedicado a Nossa Senhora.

✦ José Manuel Gómez Carayol



O século IV foi uma época de guerra, e do pior tipo que há: aquela que se desenrola em tempos de paz. As perseguições aos cristãos por parte do paganismo romano tinham cessado com os editos imperiais que concediam liberdade à Igreja. Mas surgiu então a ameaça das ameaças, mais cruel que fogo, ferro ou fera: a aparente segurança.

Com ela nasceu o perigo para os cristãos. Pertencer à Igreja, outrora tão ignominioso, passou a ser causa de prestígio. Nas hostes de Jesus já não se alistariam apenas os heróis dispostos a derramar o sangue por seu Senhor, mas também aproveitadores que ansiavam por ganhar algumas das sujas e enganosas carícias do mundo.

Os do mundo entraram e, com eles, as ideias do mundo. Um sem fim de novas e heterodoxas doutrinas começaram a fermentar no meio dos batizados.

Jerônimo e Helvídio

Foi nesta época que viveu – lutou, para sermos fiéis à verdade histórica – São Jerônimo.

Após sua passagem pelo deserto de Cálcis no Oriente Próximo e ordenação sacerdotal em Antioquia, Eusébio Jerônimo chega a Roma, onde o Papa São Dâmaso o nomeia seu secretário, como visto no artigo anterior.

A par dos inúmeros trabalhos que deve desempenhar a pedido do Romano Pontífice, chegam a seu conhecimento os escritos de um tal Helvídio, o qual defendia não ser perpétua a virgindade de Nossa Senhora. Argumentando com frases das Sagradas Escrituras tiradas de contexto, Helvídio afirmava despudoradamente que, após o nascimento virginal do Homem-Deus, a Santíssima Virgem tivera outros filhos segundo a carne.

Diante de tamanha afronta, muitos cristãos instaram a São Jerônimo, já afamado exegeta e paladino contra as heresias, que destruísse os argumentos daquele perverso escritor.

Silêncio lancinante, destruição explosiva

Tal refutação, entretanto, não foi imediata. Muitas vezes o silêncio dói

O defensor da Virgem atacava não apenas a blasfêmia, mas também o blasfemo pois, derrubado o operário, desabonava toda a obra

mais do que as palavras, como explicou São Jerônimo com a força de sua pluma de aço: “Apesar de, não faz muito tempo, terem-me rogado os irmãos que refutasse o libelo de um tal Helvídio, eu o fui postergando, não porque resultasse difícil convencer da verdadeira doutrina um homem vulgar e conhecedor apenas das primeiras



São Jerônimo, por Alonso Sánchez Coello - Mosteiro do Escorial (Espanha)

Francisco Lecaros



letras, mas por considerar indecoroso responder àquele que vai ser vencido”¹.

Quando, por fim, chegou a réplica, não sobrou pedra sobre pedra daquele frágil edifício blasfemo, “para que de uma vez por todas aprenda a guardar silêncio aquele que nunca aprendeu a falar”².

Estava assim introduzido o escrito *Sobre a virgindade perpétua de Maria*, o primeiro tratado patrístico cujo tema principal é Nossa Senhora.

O Primogênito foi também Unigênito

Neste tratado temos, antes de mais nada, um resumo das ideias de Helvídio. Preocupado pelo futuro, São Jerônimo as deixou guardadas e estigmatizadas para a posteridade.

Como acima referimos, o herege – como bom herege que era – utilizava-se de diversas passagens da Bíblia. Diz-se no Evangelho que Cristo Jesus é o Primogênito da Santíssima Virgem (cf. Lc 2, 7). Isto seria, no parecer quase infantil de Helvídio, uma clara alusão a outros futuros filhos de Maria pois, do contrário, o Evangelista teria usado a palavra *unigênito* – o único filho – no lugar de *primogênito* – o primeiro.

São Jerônimo³ lança-se à peleja com o peso de sua inexpugnável erudição de biblista. Todo unigênito é também primogênito, embora nem todo primogênito seja unigênito, já que por

primogênito se entende não apenas o filho que vem seguido de outros, mas o que não tem predecessor. Assim, nas Sagradas Escrituras se usa a palavra *primogênito* para referir-se tanto ao primeiro como ao único filho, como na passagem em que Deus manda resgatar os primogênitos homens (cf. Ex 34, 19). Como resgataríamos seus primogênitos os pais que ainda não sabiam se teriam mais filhos? Talvez fosse difícil – poderia concluir o Estridonense com uma lógica arrasadoramente irônica – conseguir essa certeza no prazo de trinta e três ou sessenta e seis dias que havia para dito oferecimento...

Os irmãos do Senhor

Outra passagem usada por Helvídio para conferir peso à sua esquálida tese é aquela na qual dizem ao Senhor: “Tua Mãe e teus irmãos estão lá fora e desejam ver-Te” (Lc 8, 20). Eis, para o herege, uma nova menção aos outros filhos da Mãe de Jesus.

“A isso, precisamente, lhe replicamos que não ande inventando falácias”⁴. Tal recomendação jeronimiana constitui a introdução e a chave em que desenvolveria a descompostura. Logo a seguir o Santo explica que o termo *irmão* apresenta diversas acepções nas Sagradas Escrituras. A primeira – a única que chegou a Helvídio – é a de irmão por natureza. Mas Nosso Senhor, no Calvário, teria por-

ventura deixado sua Mãe aos cuidados de São João (cf. Jo 19, 26) se tivesse outros irmãos?

A segunda forma de empregar a palavra irmão é em razão da linhagem. Assim, todos os judeus são irmãos por pertencerem a uma mesma estirpe comum, como podemos verificar em várias passagens (cf. Dt 15, 12; 17, 14-15; Rm 9, 3), mas nem por isso são todos filhos naturais de Maria Imaculada.

Irmão também se pode ser por afeto. E nesse sentido todos nós somos filhos dessa Virgem Mãe que engendrou “o Primogênito entre uma multidão de irmãos” (Rm 8, 29).

Existe, entretanto, uma última interpretação do vocábulo irmão. É a que leva em conta certo grau de parentesco. Abraão, por exemplo, chamava Lot de irmão, embora fosse seu tio (cf. Gn 13, 8). Desse modo, aqueles “irmãos” do Senhor poderiam ser, de fato, seus parentes, mas não no grau que Helvídio maliciosamente apregoava contra as evidências de tantas outras passagens bíblicas.

O Leão de Judá e o de Belém

A invectiva do defensor da Virgem atacava não apenas a blasfêmia, mas também o blasfemo, pois bem sabia que, derrubando o operário, desqualificava toda a obra. Deixemos-lhe a tonitruante palavra: “Tu, o mais ignorante dos homens, [...] vendo-te

abandonado em pleno mar das Escrituras, concentraste toda a tua raiva para injuriar a Virgem, a exemplo daquele que, [...] não podendo dar-se a conhecer a todos pelo bem, o conseguiria pelo mal”.⁵ A rajada de rugidos continua com ainda maior vigor: “Ante tal blasfêmia, quem poderá considerar-te famoso e estimar-te em dois asses? Conseguiu o que pretendias: ser ilustre por um crime”.⁶

Argumentum ad hominem?

Talvez, mas mais do que isso: eliminando a causa de tantos efeitos malignos, ficava estigmatizado para a posteridade o perfil daqueles que, brandindo meia página das Escrituras Sagradas, arremeteriam insolentemente contra outras mil. A partir de São Jerônimo, “Helvídio” poderia ser o adjetivo – ou insulto, a bem dizer – para esses que levantam sua opinião particular, eco da do mundo em sua época, no sentido oposto a séculos de Tradição Apostólica. Com toda a razão advertia o primeiro Papa: “Nenhuma profecia da Escritura é de interpretação pessoal. Porque jamais uma profecia foi proferida por efeito de uma vontade humana” (II Pd 1, 20-21).

O estilo polêmico com que arremete o Leão de Belém, como São Jerônimo ficou conhecido, pode parecer pontiagudo demais para ouvidos acostumados a um linguajar menos vibrante... A estes convidamos a ver refletida na vida dos Santos a infinita variedade e riqueza das virtudes de Cristo. Com efeito, Ele não pregava apenas as bem-aventuranças às multidões, mas sabia increpar os fariseus; Ele não só impunha as mãos sobre as crianças ou tocava os leprosos para curá-los, mas tecia um chicote a fim de expulsar os cambistas do Templo; Ele era o Cordeiro de Deus e o Leão de Judá.

O cristal e sua muralha

Finalmente, após ter refutado todos os falsos argumentos do herege



Nossa Senhora Sede da Sabedoria - Coleção particular

Santiago Vieito

O cristal da virgindade perpétua de Maria foi defendido pelos estertores de um leão, que construiu uma muralha teológica para defendê-lo

e feito uma esplêndida apologia da virgindade – defendendo, inclusive, a virgindade de São José’ –, São Jerônimo encerra o tratado dirigindo-se a Helvídio: “E como penso que tu, derrotado pela verdade, começarás a tratar minha vida e lançar-me maldições [...], te advirto, em previsão disso, que essas tuas invectivas, lançadas com a mesma boca com que caluniaste Maria, serão para mim motivo de glória, pois o servo do Senhor e sua Mãe são alvo dessa tua eloquência canina”.⁸

Estas últimas palavras do santo polemista deixam transparecer o

motivo que o levou a escrever tal refutação: seu amor e devoção à Santíssima Virgem, que o levava a considerar uma honra ser caluniado por quem caluniava a gloriosa Mãe de Deus. De fato, o que se destila de todo o tratado, o pioneiro nos mares mariais, é um profundo amor a Nossa Senhora. Tão profundo que coligou incenso com pólvora, pois a indignação irrompe do coração abraçado de enlevo e admiração.

A cada parágrafo esse cristal maravilhoso, pelo qual o Sol de Justiça pôde chegar ileso ao mundo sem diminuir em nada a pureza de sua pulcritude, esse cristal delicado e sublime é defendido pelos estertores de um leão. Era ele o primeiro a tomar o estandarte da Virgem e defendê-La, rodeando sua figura de uma inconcussa muralha teológica. Era o primeiro de muitos, pois tanta luz e tanta castidade feririam outros olhos sujos ao longo dos séculos, os quais arremessariam contra o mesmo vitral as mesmas pedras extraídas das mesmas passagens bíblicas isoladas.

Entretanto, a cada ataque dos infernos a muralha haveria de crescer, emoldurando magnificamente o puríssimo cristal de Deus. ✚

¹ SÃO JERÔNIMO. De perpetua virginitate Beatæ Mariæ. Adversus Helvidium, n.1. In: *Obras Completas*. Madrid: BAC, 2009, v.VIII, p.67.

² Idem, ibidem.

³ Cf. Idem, n.10, p.85-89.

⁴ Idem, n.12, p.91.

⁵ Idem, n.16, p.103

⁶ Idem, n.17, p.105.

⁷ “Tu afirmas que Maria não permaneceu virgem; eu vou muito mais longe ainda alegando que também o próprio José, graças a Maria, foi também virgem, resultando assim que de um matrimônio virginal nascesse um Filho virgem” (Idem, n.19, p.109).

⁸ Idem, n.22, p.115.



A voz de Deus ainda se deixa ouvir!

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

§104 Na Sagrada Escritura, a Igreja encontra incessantemente seu alimento e sua força, pois nela não acolhe somente uma palavra humana, mas o que ela é realmente: a Palavra de Deus. “Com efeito, nos Livros Sagrados o Pai que está nos Céus vem carinhosamente ao encontro de seus filhos e com eles fala”.

Ao lermos os Santos Evangelhos e nos encantarmos com o que neles é narrado a respeito do Homem-Deus, provavelmente já tenha surgido alguma vez em nosso interior a seguinte exclamação: “Que graça imensa receberam aqueles que conviveram com Nosso Senhor! O que daríamos nós para estar com Ele, contemplar seu olhar, escutar suas divinas palavras... Se houvesse gravadores naquela época, com que santa avidez registraríamos seus discursos, para nunca mais esquecê-los”.

Pois bem, sabendo Deus quão necessário era que a humanidade inteira ouvisse sua voz ao longo da História, “gravou” sua Palavra num “aparelho” que a reproduziria para todo o sempre e no mundo inteiro: as Sagradas Escrituras.

De fato, quando abrimos a Bíblia e lemos as inspiradas palavras do Espírito Santo, acontece algo a mais do que ao ouvir um som reproduzido num mero gravador. Não apenas escutamos aquilo que Deus disse no passado, mas sua voz ecoa no presente e se atualiza. É como se Ele mesmo se comunicasse conosco, estando diante de cada um. Por isso devemos venerar tanto as Sagradas Escrituras e ler com verdadeiro amor as palavras nelas contidas. Com

o mesmo amor que demonstrava a seus Apóstolos, Jesus nos fala agora!

Nem de dia, nem de noite, deve se afastar de nossa boca a Palavra de Deus e, como pondera Santo Atanásio,¹ até deveríamos saber de memória alguns trechos, como os Salmos. São Jerônimo², por sua vez, recomenda a Santa Eustóquia que o sono a encontre com as Escrituras nas mãos e que sobre a página sagrada caia sua cabeça fatigada pelo cansaço.

Com efeito, Nosso Senhor afirmou no Evangelho: “Vinde a Mim, todos vós que estais cansados e fatigados sob o peso dos vossos fardos e Eu vos darei descanso” (Mt 11, 28). E também a nós Ele repete esse convite, chamando-nos a repousar nossa fronte extenuada sobre os Livros Santos, assim como o faríamos sobre o seu sagrado peito!

Lancemos sobre o Salvador as nossas preocupações (cf. I Pe 5, 7) e perscrutemos com amor a Divina Revelação pois, como pondera São João Crisóstomo,³ seja qual for a desgraça que pese sobre nós, na Bíblia encontraremos o remédio adequado, que afugenta todo pesar. Então, por mais difícil e tenebrosa que seja nossa situação, pode-

remos afirmar com Santa Teresinha: “[Quando tomo a Sagrada Escritura,] então tudo me parece luminoso; uma única palavra descobre à minha alma horizontes infinitos, a perfeição me parece fácil, vejo que basta reconhecer o próprio nada e abandonar-se como uma criança nos braços do Bom Deus”.⁴ ✚

¹ Cf. SANTO ATANÁSIO. *De virginitate*, n.12: PG 28, 266.

² Cf. SÃO JERÔNIMO. *Epistola XXII*, n.17.

³ Cf. SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. *Homilias sobre o Gênesis*. Homilia XXIX, n.1.

⁴ SANTA TERESA DE LISIEUX. *Carta 226*. Ao Pe. Roulland.

“Cristo curando enfermos”, por Giusto de Menabuoi - Batistério de São João Batista, Pádua (Itália)





O início da vitória!

Bendito o dia em que Nossa Senhora nasceu; benditas as estrelas que A viram pequenina; bendito o momento em que seus pais constataram o nascimento d’Aquela que, permanecendo sempre Virgem, foi chamada a ser Mãe do Salvador!

✎ **Plínio Corrêa de Oliveira**

Por que se festeja o aniversário de alguém? A razão é muito simples: o aniversário de uma pessoa representa o momento em que esta entrou no cenário da vida.

Cada nascimento constitui um favor, uma graça de Deus, porque todo homem – por mais que seja concebido no pecado original e traga alguma deficiência de família – é uma criatura de grande valor e significa um enriquecimento altamente ponderável para a humanidade em seu conjunto.

Assim, quando se festeja o aniversário de uma pessoa, comemora-se sua entrada no mundo com tudo quanto lhe é característico em matéria de “luz primordial”,¹ de virtudes que deve praticar, de riquezas de alma que possui, e até de pecado original, com os defeitos que ela leva em si como algo a ser combatido e vencido, redundando num aumento de glória.

Concebida sem pecado e repleta de dons

Nessas condições, a festa da Natividade de Nossa Senhora leva-nos a perguntar qual foi o enriquecimento que Ela trouxe para a humanidade, e a que

título especial o gênero humano deve festejar seu aniversário.

Colocando-nos nessa perspectiva, ficamos sem saber o que dizer...

Com efeito, Nossa Senhora foi concebida sem pecado original. Sendo Ela um lírio de incomparável formosura, livre de qualquer mancha, seu nascimento deve alegrar não só o gênero humano, mas também todos os coros angélicos, pois significa o aparecimento neste exílio, no meio da humanidade decaída, de uma criatura imaculada!

Além disso, Maria Santíssima possuía todos os dons naturais que uma

mulher possa ter. Nosso Senhor deu a Ela, segundo a ordem da natureza, uma personalidade riquíssima, preciosíssima, valiosíssima e, a esse título, a presença d’Ela entre os homens representava um tesouro de valor verdadeiramente incalculável.

Por fim, com Ela ganhamos os tesouros das graças que A acompanhavam e que são as maiores graças concedidas por Deus a alguém, graças incomensuráveis.

“Bendito o dia que A viu nascer”

Compreendemos, então, que o mais fulgurante nascer do Sol é pálido em relação à beleza do ingresso de Nossa Senhora no mundo. Todos os fenômenos mais grandiosos da natureza que representam algo de precioso, de inestimável, nada são em comparação disso; a entrada mais solene que se possa imaginar de um rei ou de uma rainha em seus domínios não é nada em comparação com isso.

O júbilo de todos os Anjos do Céu, também o de muitos justos que tenham ficado cientes do fato e os sentimentos de alegria espalhados por aqui e por lá nas almas boas,

*O mais fulgurante
nascer do Sol, os
fenômenos naturais
mais grandiosos nada
são em relação à beleza
do ingresso de Nossa
Senhora no mundo*

tudo isso deve ter saudado o momento bendito em que Nossa Senhora entrou no mundo.

Há uma frase de Jó que eu gosto muito de parafrasear e me parece adequada para expressar essa realidade: “Bendito o dia que me viu nascer, benditas as estrelas que me viram pequenino, bendito o momento em que minha mãe disse: nasceu um varão” (cf. Jó 3, 3)!

Também se poderia dizer: “Bendito o dia que viu Nossa Senhora nascer, benditas as estrelas que brilharam sobre Ela quando pequenina, bendito o momento em que seus pais verificaram que havia nascido a criatura virginal chamada a ser a Mãe do Salvador!”

Irrupções de Nossa Senhora nas almas...

A Natividade de Nossa Senhora nos inspira também outro pensamento.

O mundo estava prostrado no paganismo. A situação naquele tempo era parecida com a de hoje: todos os vícios imperavam, a idolatria dominava a terra, a abominação tinha penetrado na própria religião judaica, a qual era o prenúncio da Religião Católica; o mal e o demônio venciam inteiramente.

Mas, no momento decretado por Deus em sua misericórdia, tudo mudou! Ele arrebentou a muralha, começou a derrocada da “ordem” do demônio quando menos se podia imaginar! Nasceu Nossa Senhora, a raiz bendita da qual brotaria o Salvador da humanidade.

Quantas vezes não se passa algo semelhante em nossa vida espiritual! Há ocasiões em que nossa alma está em luta, tomada por problemas, contorcendo e revolvendo dificuldades! Sequer temos ideia de quando virá o dia bendito em que uma graça extraordinária, um grande favor acabará com nossos tormentos, proporcionando-nos um amplo progresso.

De repente, há um nascimento num sentido especial da palavra: irrupções de Nossa Senhora em nossa alma. Na

noite das maiores trevas, Ela aparece e começa a dissipar as dificuldades com as quais nos defrontávamos e, qual aurora em nossa vida espiritual, faz surgir algo novo, que nós nem suspeitávamos.

...e no mundo

Há outro aspecto também. Nossa Senhora parece ausente do mundo atual. Mas se considerarmos que, de um momento para o outro, Ela pode começar a agir, tornar sua atividade mais constante, mais contínua, mais intensa do que tem sido até agora, com vistas à instauração de seu Reino, é

Assim como no tempo de seu nascimento, Nossa Senhora irromperá na História uma segunda vez, e implantará o seu Reino sobre a terra

provável que aconteçam prodígios extraordinários que nos façam sentir sua presença. Dar-se-á, então, mais uma irrupção de Nossa Senhora no mundo.

E essa irrupção pode-se fazer através do nosso movimento, com tudo quanto ele tem de humanamente pobre e fraco, mas que – como Davi diante de Golias – pela fé, pela dedicação e pelo uso das táticas da RCR² deve derrubar e esmagar o gigante da Revolução. Uma ação assim seria uma irrupção de Nossa Senhora na História, uma manifestação do desejo de Ela vencer. As muralhas que temos derrubado, as graças das quais, embora indignos, temos sido canais, não representam também a manifestação da vontade do Imaculado Coração de Maria de implantar seu Reino através de nossa atuação?

Isso deve nos dar muita alegria e muita esperança, com a certeza de que Nossa Senhora nunca nos abandona. Nas ocasiões mais difíceis Ela nos visita, sua presença como que irrompe entre nós, resolve todos os nossos problemas, cura nossas dores, dá-nos a combatividade e a coragem necessárias para cumprirmos nosso dever até o fim,



David Ayuso

Nossa Senhora Auxiliadora - Coleção particular

por mais árduo que seja, e arma nosso braço na luta contra o adversário.

“Os filhos d’Ela A proclamaram bem-aventurada”

Há elementos históricos para dizer que todas as grandes almas que lutaram contra os hereges, os grandes martelos das heresias aparecidos através dos séculos, têm sido escolhidos pessoalmente por Ela.

A suscitação dessas almas lembra algo de muito bonito consignado no brasão dos padres do Imaculado Coração de Maria. Ele tem no alto São Miguel Arcanjo e, logo abaixo, o Coração de Nossa Senhora circundado por estas palavras: “Os filhos d’Ela se levantaram e A proclamaram bem-aventurada”.

Essa presença de guerreiros que, como soldados de São Miguel Arcanjo, levantam-se armados para combater o adversário, proclamando o Coração de Maria bem-aventurado, não é também uma irrupção de Nossa Senhora na História?

Devemos pedir que nós sejamos esses guerreiros de ferro, indomáveis, de um ódio implacável ao demônio e aos seus sequazes, à Revolução e às suas obras, destinados às maiores gestas, desejosos de consumir os maiores golpes de arrojo. Desse ódio à Revolução é que devem estar cheios os corações daqueles que amam realmente Nossa Senhora.

Peçamos a Maria esta graça especial: que sejamos uma irrupção d’Ela no mundo de hoje, armados dos pés à cabeça de espírito de luta, de implacável

hostilidade à Revolução, para restabelecer definitivamente a glória da Igreja, tão conspurcada neste momento.

De maneira tal que, quando morrermos, se possa colocar na sepultura de cada um de nós: “Este foi um filho de Maria, que se levantou e A proclamou bem-aventurada numa época de apostasia, de humilhação e desfalecimento da Santa Igreja Católica Apostólica Romana”.

Desde o nascimento, influenciando o destino da humanidade

Alguém dirá: “Mas o que um bebê, que não tem o uso da palavra nem da razão, pode acrescentar a uma sociedade?”

Essa objeção não se põe em relação a Nossa Senhora. Concebida sem pecado original e dotada do uso da razão desde o primeiro instante de seu ser, já no ventre materno Ela tinha pensamentos elevadíssimos e sublimíssimos, vivendo no seio de Sant’Ana como num verdadeiro tabernáculo.

Temos uma confirmação indireta disso pelo que consta no Evangelho sobre São João Batista. Se o Precursor – o qual não foi isento da culpa original, mas libertado dela antes de nascer –, ao ouvir a voz de Maria saudando Santa Isabel estremeceu no seio materno (cf. Lc 1, 41), não poderia a Mãe do Redentor já em sua infância ter conhecimento do que se passava?

Devido à altíssima ciência que Lhe foi concedida pela graça de Deus, desde o claustro materno Nossa Senhora pedia pela vinda do Messias e pela derrota do pecado. Desde ali formou-se em seu espírito o intuito elevadíssimo de vir a ser uma servidora da Mãe do Salvador. Dessa forma Maria Santíssima influenciava os destinos da humanidade. Sua presença na terra já era uma fonte de graças para todos aqueles que se aproximavam d’Ela na sua infância e mesmo antes de nascer.

Diz-nos o Evangelho que da túnica de Nosso Senhor saía uma virtude

Devemos pedir a Maria a graça de ser uma irrupção d’Ela no mundo de hoje, armados com espírito de luta pela glória da Santa Igreja

Mário Shinoda



Dr. Plínio em maio de 1991

capaz de curar (cf. Lc 8, 43-48). Se assim o era, também sua Mãe, o Vaso de Eleição, deveria ser uma fonte de graças a jorrar para todos.

Embora Ela fosse apenas uma criança, já em seu natal graças enormes começaram a raiar para a humanidade. Seu nascimento constituiu o esmagamento do demônio, o qual percebeu que algo de seu cetro se havia partido e que nunca mais se consertaria. A vitória da Contra-Revolução começava a se afirmar.

Qual “aurora” do luar

Para concluir, lembremo-nos da Noite de Natal. Há séculos essa festa se repete e sempre temos a sensação de que uma bênção enorme desce do Céu sobre a terra e que, de algum modo, as energias espirituais de todos os homens se renovam. Há uma verdadeira aurora e, por essa razão, a Noite Santa é única no ano.

Ora, como tudo quanto se refere à Santíssima Virgem tem uma íntima conexão com o que diz respeito a Nosso Senhor, devemos imaginar que algo parecido se passe na Natividade de Maria.

Que semelhança há entre esses dois natais?

Quando se fala em Natal de Jesus, lembramo-nos do nascer do Sol. E como é bonito vermos a luz que nasce!

Se Nosso Senhor é simbolizado pelo Sol, Nossa Senhora é muitas vezes comparada à Lua. O nascer da Lua não tem a glória do nascer do Sol, mas quanto encerra de análogo! Como ele é benfazejo, como ele alegre, como ele estimula, como ele consola! Isso poderia nos dar a ideia do que foi o bendito natal de Nossa Senhora.

Sendo filhos da Santíssima Virgem – não por nossos méritos, mas por vontade d’Ela –, ao festejar seu nascimento podemos pedir-Lhe uma graça especial.

Em revelações privadas feitas a muitos Santos, conta-se que Nossa Senhora desce com frequência ao Pur-



Reprodução

“Natividade de Maria”, por Giotto di Bondone - Cappella degli Scrovegni, Pádua (Itália)

O nascer da Lua é em algo análogo ao do Sol: como ele é benfazejo, como alegre, como consola! Dá-nos a ideia do que foi o natal de Nossa Senhora

gatório, consola as almas que lá estão e leva um número enorme delas para o Céu.

Tal fato nos dá um pouco a ideia do que Ela faz na Igreja Militante. Sua graça baixa sobre nós e nos obtém uma porção de favores. E sua natividade é um momento propício para pedirmos que Ela nos conceda um desses favores. O que devemos pedir?

Que cada um se recolha um pouco, concentre-se e peça o que precisa. Mas eu sugiro que esteja presente, de modo

especial, esta graça: que a Santíssima Virgem estabeleça com cada um de nós uma aliança especial, um vínculo de filiação próprio em nosso relacionamento com Ela, de maneira a tomar-nos sob seu amparo de modo todo particular. E que, a esse título, nos cure da chaga de alma que Ela mais entenda que nos deva curar.

Às vezes não é bem o que imaginamos, mas outra coisa. Aquilo que for de mais necessária cura em nossa alma, que Ela nos dê nessa sua noite de natal. ✨

Extraído, com adaptações para a linguagem escrita, de: *Conferência*. São Paulo, 8/9/1963

¹ Expressão cunhada por Dr. Plínio para designar o aspecto específico de Deus que cada alma está especialmente chamada a refletir e contemplar.

² Referência ao livro *Revolução e Contra-Revolução*, no qual Dr. Plínio consignou as linhas mestras de seu pensamento e ação.

Confiscado pelo Senhor

Um olhar bastou para fazer do cobrador de impostos um verdadeiro “dom de Deus”: Levi, o perito contador de bens terrenos, daria lugar a Mateus, o Apóstolo e Evangelista do Divino Mestre!



Ir. Maria Cecília Lins Brandão Veas ↗

É próprio ao fundamento sustentar o edifício sem, contudo, ser considerado ou sequer visto; ele permanece oculto, mas é imprescindível.

Ora, os alicerces da Santa Igreja são os doze Apóstolos (cf. Ap 21, 14), cuja excepcional virtude tem movido a devoção dos católicos de todos os tempos. No entanto, se a magnitude de um edifício se mede por suas estruturas, como não vislumbrar nos Apóstolos uma insuspeitada grandeza? O Sagrado Coração de Jesus neles deitou seu olhar de predileção, chamando-os a um convívio íntimo (cf. Lc 6, 12-16; Mc 3, 13-19), por eles rogou ao Pai (cf. Jo 17, 9), a eles instruiu e formou, e sobre eles aprovou erigir sua imortal e santa Igreja (cf. Mt 16, 18-19).

Pode-se afirmar que a estatura moral dos Apóstolos é ainda ignorada na História. No intento de penetrar nas brumas que a cobrem, consideremos dentre este coro de privilegiados um varão singular, conhecido pelo vulgo apenas como um dos Evangelistas: São Mateus.

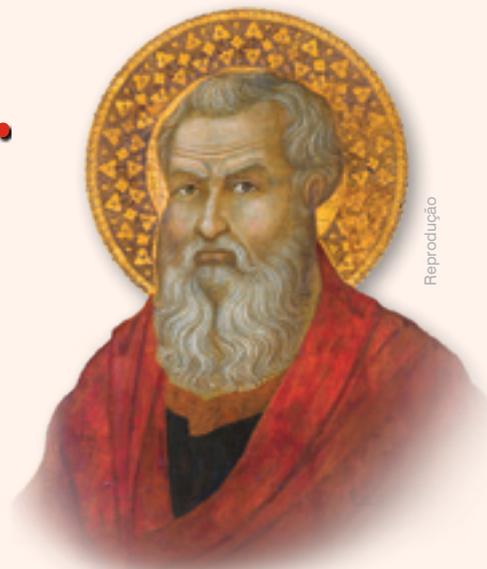
Quem era Mateus?

Cafarnaum, cidade fronteiriça da Galileia, era porto de grande movi-

mentação pela contínua afluência de pessoas e mercadorias vindas do norte e do sul, oriente e ocidente. Muitos cobradores de impostos se punham ali a recolher as taxas exigidas pelo Império Romano. Eram os chamados *publicanos*, já que se ocupavam de negócios públicos, profissão raramente desempenhada, naqueles tempos, sem incorrer em pecado...

Exator das taxas, o publicano devia pagar ao governo a soma estipulada, e retinha para si o valor excedente, sendo frequentes as extorsões desonestas em benefício pessoal. A coletoria de impostos constituía, pois, “um comércio sem pudor, uma rapina com capa de legalidade”¹; razão pela qual seus agentes eram especialmente desprezados, odiados pelo povo e considerados como ladrões criminosos.

Nessa categoria de homens encontrava-se Mateus, denominado respeitosamente por São Lucas (cf. Lc 5, 27) e São Marcos (cf. Mc 2, 14) apenas como Levi. Originário da Galileia, pouco se sabe sobre sua ancestralidade, a não ser que era filho de Alfeu. Tudo indica ter sido ele rendeiro dos direitos de portagem daqueles que cruzavam o Lago de Genesaré, bem como das mercadorias que por ali chegavam.



Reprodução

Talvez por isso o Evangelho em hebraico, referindo-se a ele, empregue a expressão *senhor da passagem* no lugar da palavra *publicano*.²

Estava, pois, Levi em plena faina de seu ofício quando um acontecimento veio a mudar os rumos de sua vida.

Momento decisivo numa troca de olhares

Depois de curar um paralítico numa das casas de Cafarnaum, Jesus dirigiu-Se aos arrabaldes da cidade, à margem do Mar da Galileia. Enquanto pregava à multidão que O acompanhava, “viu Levi, filho de Alfeu, sentado no posto da arrecadação e disse-lhe: “Segue-Me”” (Mc 2, 14).

Jesus viu! Que olhar o Homem-Deus terá dirigido àquele publicano, no qual quase ninguém se dignava deitar os olhos? Um olhar verdadeiramente divino, penetrante, profundo, arrebatador, transido de amor, benquerença, compaixão. Um olhar restaurador, cuja linguagem muda exprimiu mais que a eloquência de muitos discursos persuasivos. De fato, o que Levi entendeu numa troca de olhares, ao moço rico foi necessário explicitar num pormenorizado conselho: “Se queres ser perfeito, vai, vende teus bens, dá-os

aos pobres e terá um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-Me!” (Mt 19, 21).

A Levi bastaram estas duas palavras: segue-Me! E “deixando ele tudo, levantou-se e O seguiu” (Lc 5, 28). Com que entonação de voz terá Jesus pronunciado esse imperioso chamado? O que terá se passado no interior daquele novo discípulo, para renunciar a tudo?

Para os espíritos naturalistas, custa entender a rapidez de uma decisão à primeira vista irrefletida e imatura. Ora, Levi já havia sido preparado pela Providência desde a infância. E como não encontrara uma causa à qual pudesse se dedicar inteiramente, “lançou mão da coletoria de impostos, sem se importar com o desprezo de que seria objeto por parte da sociedade”.³

Com o bulício das gentes pelos prodígios realizados por Jesus na Galileia, a esperança de Levi se havia acendido, e tudo levar a crer que ele se incorporara ao número daqueles que ouviam as pregações do Mestre. “Se do ímã e do âmbar se diz que têm uma tal força que unem consigo anéis,

palhas e ervas, quanto mais podia o Senhor de todas as criaturas atrair a Si os que queria!”⁴

Generosidade, prontidão e coragem

Tal era a força irresistível emanada do Mestre que Levi, outrora disposto a ajuntar riquezas auferindo lucros ilegítimos, sacrificou num instante todos os planos de ambição e abriu mão de sua fortuna. Ele não se preocupou em desvencilhar-se de seus bens, não se propôs a leiloar suas terras e imóveis, nem sequer concluiu a contabilidade no telônio, pouco se importando com possíveis processos que os oficiais romanos poderiam mover contra ele...⁵ A graça o havia arrebatado!

Perito em computar valores terrenos, não se arriscou a perder o inestimável dom da graça que lhe era oferecido, não hesitou entre Deus e o mundo. Neste fato podemos entrever a nobreza de caráter do Apóstolo, o heroísmo que o dispôs a abandonar a estabilidade da vida e uma avultada riqueza para seguir o Mestre rumo ao

desconhecido. Tratava-se de uma alma magnânima, um “modelo de varão sério, altaneiro, intrépido, corajoso”!⁶

Muitos Santos Padres apreciam a generosidade com que Levi se entregou ao Senhor e ressaltam a louvável prontidão, a coragem com que enfrentou os obstáculos e oposições, subjugando até mesmo suas paixões, bem como a constância no seguimento de Jesus, que o levou a perseverar nas primeiras resoluções até o fim de seus dias.

Tendo renunciado a tudo, ainda assim fez uma festa para Nosso Senhor, como prova de seu reconhecimento.

Um banquete para o Mestre

“Levi deu-Lhe um grande banquete em sua casa” (Lc 5, 29).

As grandes comemorações da época se faziam ao redor da mesa. Na parábola evangélica, o pai oferece um banquete ao filho pródigo que retorna (cf. Lc 15, 23); aqui Levi, feito filho de Deus, oferece um banquete Àquele que o salvou do pecado e da morte; se grande se mostrou a alegria daquele

Que olhar o Homem-Deus terá dirigido àquele publicano?

Tal era a força irresistível emanada do Mestre que Levi, outrora disposto a ajuntar riquezas auferindo lucros ilegítimos, sacrificou num instante todos os planos de ambição

“O chamado de São Mateus”, por Giusto de Menabuoi - Catedral de Pádua (Itália); na página anterior, pintura do Apóstolo por Ugo di Nerio - Metropolitan Museum of Art, Nova York



pai, muito maior foi a felicidade de Jesus ao constatar a liberalidade de seu novo discípulo. Sem dúvida, entre todas as iguarias nenhuma lhe satisfizesse tanto quanto as boas disposições de Levi. Ambos os corações já pulsavam em uníssono!

Que convívio intenso terá se passado nesse banquete? Que vínculos se criaram? Imortais ressonâncias entre Criador e criatura, entre Mestre e discípulo, que ecoam por todos os séculos na simplicidade do Evangelho: “Jesus estava à mesa, em casa de Mateus” (Mt 9, 10)...

Mateus significa dom de Deus, e quiçá seja este o nome representativo que lhe deu o Senhor para marcar sua nova vida. De fato, ele já não era o mesmo e, como presságio de seu futuro labor apostólico, convidou ao banquete seus amigos, entre outras razões para fazê-los também partícipes da companhia de Jesus.

“Despojei-me do publicano e me revesti de Cristo”

Ora, ao ver o Mestre e os seus comer à mesa com pecadores e publicanos, eriçaram-se os fariseus e discípulos de João Batista (cf. Mt 9, 11.14). Aferrados a critérios antigos, haviam-se tornado incapazes de compreender que o Salvador condescendia em buscar as ovelhas perdidas, e que deveria exercer seu ofício inclusive na intimidade de um banquete. Esse foi o pró-dromo para Jesus pronunciar a razão de sua missão na terra: “Aqueles que têm saúde não precisam de médico, mas sim os doentes. [...] Eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores” (Mt 9, 12-13).

E, a fim de atestar que Mateus já encetara a vida nova da graça que Ele oferecia ao mundo, Nosso Senhor esclarece àqueles corações maliciosos: “O vinho novo deve-se pôr em odres novos” (Lc 5, 38).



Com a precisão e simplicidade que lhe eram próprias, Mateus compilou as principais entre as infinitas grandezas de Jesus, deixando-nos o primeiro Evangelho

São Mateus escreve o seu Evangelho, “Grandes Horas de Ana da Bretanha” - Biblioteca Nacional da França, Paris

Enquanto homem renovado, Mateus acolheu em sua casa Jesus, o Novo Adão. Nesse sentido Santo Ambrósio⁷ compõe piedosamente as disposições do convertido na ocasião, que se poderiam sintetizar assim: “Vede, já não sou publicano; não levo em meu interior a figura de Levi. Despojei-me dele e me revesti de Cristo, fujo de minha vida antiga! Ouvi-me, homens que tendes a mente oprimida pelos pecados. Eu também estava ferido com semelhantes paixões e encontrei um Médico, que vive no Céu e derrama seu remédio sobre a terra. Só Ele pôde curar minhas feridas”.

Foi assim que o Mestre confiscou mais um daqueles que O haveriam de seguir. E como poucos anos Ele

viveria neste mundo, logo no início de sua vida pública quis associar diretamente alguns à sua missão salvadora. Entre esses prediletos, figura São Mateus.

Entre os eleitos do Senhor

Com a solenidade própria às obras de Deus, Jesus retirou-Se ao alto de uma montanha, onde passou a noite em oração. Ao romper da aurora chamou os que Ele quis, e escolheu doze dentre os discípulos para ficar em sua companhia, aos quais deu o nome de Apóstolos (cf. Mc 3, 13-15; Lc 6, 12-13). Conferiu-lhes o poder de expulsar os demônios e de curar todo mal e enfermidade; em seguida instruiu-os sobre o futuro ministério (cf. Mt 10).

Radical por feitio e convicção, Mateus provavelmente se destacara por seu idealismo e generosidade, o que atraiu mais uma vez o beneplácito de Jesus, elegendo-o como um de seus mais próximos. Ele gozava da amizade do Senhor!

Não obstante, o silêncio e discrição deste Santo revelam uma peculiar despreensão, própria a quem sabia ocultar-se e humilhar-se, como se pode comprovar no Evangelho por ele escrito, ao acrescentar a alcunha de “publicano” (10, 3) quando se nomeia na lista dos doze Apóstolos. Ele era reconhecedor de seu antigo estado e sabia-se objeto da misericórdia do Senhor.

Que relações teria ele com o Mestre? Qual era seu ofício junto aos demais Apóstolos? Ele jamais retornou a seu antigo *bureau*; então, o que fazia, por exemplo, enquanto os outros pescavam? Mistérios e conjecturas se conjugam, como acontece a respeito de todos os Apóstolos. Infelizmente, a História não registrou deles fatos mais pormenorizados. Todavia, é certo que, integrante do Colégio Apostólico, Mateus presenciou as mais variadas cenas

no convívio com o Salvador; pôde contemplá-Lo em meio às multidões realizando toda sorte de milagres, nas horas de solidão, nas situações de intimidade, no momento auge da manifestação de seu amor divino, a Última Ceia.

E se deste Apóstolo nenhuma palavra passou para a História, a ele coube a honra de ser o primeiro a imortalizar as ações e instruções do Salvador pela redação do Evangelho.

Do cômputo dos números à compilação das ações do Redentor

Narra a tradição que, após a Ascensão de Nosso Senhor, Mateus pregou juntamente com os outros Apóstolos nas províncias da Judeia e proximidades. Antes de se dispersarem pelo mundo, muitos judeus convertidos e outros Apóstolos rogaram ao Santo que registrasse a história de Jesus. Ele assim o fez. Recolheu as principais dentre as infinitas grandezas do Senhor e as compilou com a simplicidade e precisão que lhe eram próprias. Esta, sim, foi uma arrecadação sem precedentes, de riquezas verdadeiras!

Cumprida essa missão, partiu para evangelizar novas terras, e o último lugar no qual consta ter estado é a Etiópia, uma das mais difíceis e inacessíveis regiões da época. Depois de uma existência toda feita de sacrifícios e de penitências, somados às cruéis perseguições, souou para ele a

hora da eternidade. Sob as ordens do pérfido Imperador Hirtaco, foi morto no próprio altar em que acabara de celebrar a Santa Missa. Consumava deste modo o chamado do Mestre: “Segue-Me”! Mateus O seguiu na dor e na imolação completa e haveria de segui-Lo na glória, onde aquele olhar divino que o confiscara nunca mais lhe seria arrebatado!

Deixou assim uma esteira luminosa de generosidade, amor sacrificado e

radicalidade para os homens de todos os séculos. Ele se mostrou grande na doação e em suas obras porque fora amado e largamente perdoado. Fiel a esse primeiro chamado, manteve-se constante no seguimento a Jesus e mereceu a coroa de glória.

Colunas e fundamentos

São Mateus é, com os demais Apóstolos, um luzeiro do mundo, um patriarca da humanidade na ordem espiritual e eterna. Tais prerrogativas intransferíveis fazem dele uma figura excepcional.

Ora, só os fundamentos não fazem o edifício. É no mesmo Cristo que fomos também eleitos como pedras vivas da Igreja; é n’Ele “que todo o edifício, harmonicamente disposto, se levanta até formar um templo santo no Senhor” (Ef 2, 21).

Quando, por fim, a edificação da Igreja estiver completa, terá chegado o momento da união definitiva de Nosso Senhor Jesus Cristo com ela. Então se dirá: “A Esposa está preparada!” (Ap 19, 7). Sobre os fundamentos terão se erguido todas as muralhas, solidificado as colunas, completado o edifício! E um cântico ressoará eternidade adentro: “Vinde, ‘contai suas torres’ (Sl 47,13), contemplai-A em seu esplendor, em sua estatura perfeita. ‘Felizes os convidados para a ceia das núpcias do Cordeiro!’ (Ap 19, 9)”. ✠



Francisco Lecaros

Martirizado no próprio altar em que acabara de celebrar a Santa Missa, Mateus consumava assim o chamado do Mestre: “Segue-Me”

“Martírio de São Mateus” - Museu Agostiniano, Freiburg im Breisgau (Alemanha)

¹ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. *Homilias sobre el Evangelio de San Mateo*. Homilia XXX, n.1. Madrid: BAC, 1955, v.I, p.596.

² Cf. MAISTRE, Étienne. *Histoires scientifiques et édifiantes de chacun des grands et bienheureux Apôtres S. Philippe, S. Barthélemy, S. Matthieu, S. Tho-*

mas, S. Jacques-le-Mineur. Paris: F. Wattelier, 1870, p.155.

³ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. “Segue-Me!”, um chamado para todos nós. In: *O inédito sobre os Evangelhos*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2013, v.II, p.135-136.

⁴ SÃO JERÔNIMO. Comentário a Mateo. L.I, c.9, n.20. In: *Obras Completas*. Madrid: BAC, 2002, v.II, p.95.

⁵ Cf. MAISTRE, op. cit., p.158.

⁶ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Sério, altaneiro e intrépido. In: *Dr. Plínio*. São Paulo.

Ano XVII. N.198 (set., 2014), p.2.

⁷ Cf. SANTO AMBRÓSIO. Tratado sobre el Evangelio de San Lucas. L.V, n.27. In: *Obras*. Madrid: BAC, 1966, v.I, p.243-244.



Sob a proteção de uma mãe

Na base da perseverança e da missão desempenhada por Dr. Plínio ao longo de sua existência estiveram o sacrifício e a oração de sua mãe, Dona Lucilia.

✦ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Imaginemos que nos fosse possível subir as escarpas de uma montanha até atingir o seu topo, onde encontrássemos um enorme ninho com um filhote de águia. Escondidos atrás de uma pedra, logo veríamos chegar uma águia que volta da caça e parar sobre o ninho; traz nas garras uma presa para alimento da aguiazinha, a qual, não estando ainda adestrada para voar, não sai dali porque cairia no precipício.

Em certo momento, porém, as asas da aguiazinha começam a se desenvolver. O que faz a águia? Como treina sua cria? Primeiro põe-na sobre seu dorso, bem agarrada nas plumas, para ela ir adquirindo o gosto do vento; mais tarde,

a toma com as próprias garras, eleva-a meio metro acima do ninho e a solta.

Vendo-se sozinho no ar, o filhote, espavorido, bate as asas de modo desajeitado, se esforça e cai no ninho. E assim, várias vezes, até que, por instinto, a mãe percebe que ele já não mais é contingente. Então, ela o leva para um lugar longínquo e... solta. Quando por fim a aguiazinha levanta seu primeiro voo, planando no alto, a águia mãe, se pensasse, poderia dizer: “Missão cumprida: mais uma águia nos céus!”

“Tu serás quem eu tenho no fundo de minha alma?”

Foi o que Dona Lucilia fez com Dr. Plínio: chamada a proteger, desenvolver e até enriquecer a inocência dele, levando-o à plenitude como uma águia à aguiazinha, ela o foi amparando, educando, estimulando e ajudando, até perceber estar ele inteiramente senhor de seus próprios atos. Só aí ela tranquilizou-se quanto à formação, mas não quanto à vigilância, porque ainda continuou com o olhar atento: “Que rumo ele está tomando? Para onde está seguindo?”

Chamada a proteger a inocência de seu filho, levando-o à plenitude como uma águia à aguiazinha, Dona Lucilia o foi ajudando, até ele estar inteiramente senhor de seus próprios atos

Águia-americana com seu filhote

Ela manifestava sua exigência não só através de seus pitos, como também por meio do trato dispensado a Plínio; mais tarde ele o definiria como “um carinho contemplativo”, cheio do seguinte pensamento:

“Este é meu filho. Tenho razão para esperar que venha a ser de tal jeito, de tal outro... Brincarei com ele envolvendo-o em meu afeto, protegendo-o e procurando nele os sintomas precursores de minha esperança. Até onde ela se realizará?” E eu me sentia estimulado por uma indagação esperançosa, como quem pergunta com afeição: “Meu filho, tu serás quem eu tenho no fundo de minha alma?”

Em outra ocasião, recordaria Dr. Plínio: “Tudo quanto ela exigia de mim era porque a Lei de Deus exigia, e porque o Deus altíssimo, sapientíssimo e boníssimo queria que as coisas se fizessem dessa maneira. Ela queria que eu fosse como devia, não para ser um filho praticável e utilizável por ela, e sim com a ideia de ter um filho que fizesse um holocausto a Deus, como a Deus deve ser feito”.

Preferia vê-lo morto a extraviado

Embora nunca Dona Lucilia nem Dr. Plínio tivessem dito isto ao Autor, percebe-se, na vigilância dela, não só a esperança de ser ele exímio, como também o receio de o filho, com a inteligência, as aptidões e o brilho próprios a ele, em determinado momento



ser atraído por uma carreira ou pelo mundanismo e descarrilar da virtude.

Alma reta e inocente, Dona Lucilia possuía ciência clara do estrago feito pelo pecado original na humanidade e sofria muito ao constatar qualquer falta de fidelidade. Era o choque interno da vida, e também a noção do que ela ouvia contar a respeito de numerosos casos havidos na sociedade. Por isso temia que alguém viesse a exercer influências péssimas sobre o menino, e procurava proteger, ao máximo, a inocência dele. Ela devia rezar muito por ele, pedindo ao Sagrado Coração de Jesus que o livrasse do caminho do mal. As palavras de Dr. Plínio o atestam:

“Ela havia sido uma mãe desveladíssima por minha saúde; porém, várias vezes, quando eu era mocinho, na época da formação do caráter, ela me dizia com muita doçura: ‘Eu preferiria lhe ver morto a ver-lhe extraviado’. É como quem diz: ‘Os tempos são ruins, você é muito moço; ninguém sabe do que é capaz uma pessoa quando se perde’. [...] Ela daria a vida para que eu não morresse! Mas preferia a minha morte a me ver numa situação de pecado mortal ou de ruptura com a Igreja”.

Impetrando graças pela perseverança do filho

Que força não foi acrescentada na base da fidelidade e da perseverança dele, pelas orações de Dona Lucilia? Um fato, repetidamente ocorrido durante a adolescência de Plínio, nos permite afirmá-lo com segurança: todas as vezes que entrava no Santuário do Sagrado Coração de Jesus, próximo de sua casa, ela ia rezar diante das imagens de um belo conjunto escultórico, representando o Menino Jesus no Templo discutindo entre os doutores, tendo ao lado Nossa Senhora e São José. O que pedia ela ali?

Dona Lucilia nunca lhe explicou por que demorava-se junto àquelas imagens; mas, pelo discernimento dos espíritos, olhando para o fundo da alma de sua mãe, Plínio compreendia que



Lúcio César Rodrigues

Ela pedia especiais graças e dons do Espírito Santo para o filho, com o objetivo de ele adquirir o espírito de polêmica e a sabedoria de Nosso Senhor a fim de vencer em todas as contendas que por Ele travava

Encontro do Menino Jesus entre os Doutores da Lei -
Santuário do Sagrado Coração de Jesus, São Paulo

ela rezava por ele! Com efeito, em casa Dona Lucilia assistia às discussões dele, já em menino, com os primos e com os tios, sobre temas de Religião, e pedia especiais graças e dons do Espírito Santo para o filho com o objetivo de ele adquirir o espírito de polêmica e a sabedoria de Nosso Senhor a fim de vencer em todas as contendas, quer com a família, quer com outros adversários.

E o que ela, como mãe, pediu, obteve! Em determinado momento, por essas orações muito intensas de Dona Lucilia, ele deve ter recebido uma infusão de graças operantes que lhe deram a participação no espírito de combatividade do Divino Redentor, de maneira a ele se tornar extremamente reto, batalhador inquebrantável contra o mal e propagador incansável do bem.

Como um óleo perfumado e suavizante

É inimaginável o quanto Dona Lucilia rezava por Dr. Plínio... Sempre com muita suavidade e respeito. Anos mais tarde, sendo ele adulto, várias vezes a via entrar no quarto e se apro-

ximar bem, quando ele estava preparado para dormir. No meio do torpor do sono que o acometia, notava estar ela rezando, pedindo a Nossa Senhora amparo e ajuda para ele. Passadas várias décadas, ainda rememorava Dr. Plínio o final desse convívio diário:

“Quando eu já estava dormindo, acordava com ela me agradando e fazendo o sinal da cruz na testa, antes de ir dormir. Eu percebia qualquer coisa da sua alta clave de espírito escorrer sobre mim como um óleo perfumado e suavizante, que me ungia e me fazia bem, penetrando em mim como o azeite penetra no papel”.

Depois disso, uma ou outra vez, ela mesma apagava a luz do *abat-jour*, saía do quarto, e ele adormecia com a lembrança da fisionomia dela. ❖

Extraído, com pequenas adaptações, de:

CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira.*

Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2016, v.I, p.146-152

Conhecendo o Segredo de Maria

As maravilhas da graça com que o Senhor ornou sua Mãe Santíssima têm sido objeto de contínuas explicações ao longo da História. E esses segredos mariais foram o tema do 20º Congresso Internacional de Cooperadores dos Arautos do Evangelho, realizado em duas turmas

entre os dias 18 e 27 de julho, na casa de instituição em Caieiras (SP).

Adoração Eucarística, Terço processional, palestras, círculos de estudos e a celebração da Santa Missa marcaram as jornadas de abençoado convívio.



Fotos: David Ayusso / Stephen Nami / Leandro Souza



Cem anos da Diocese de Bragança Paulista

A Diocese de Bragança Paulista, que acolhe as principais casas dos Arautos do Evangelho, celebrou seu centésimo aniversário. As comemorações, preparadas com esmero por Dom Sérgio Aparecido Colombo, Bispo Diocesano (foto 12), se iniciaram no dia 24 de julho com uma Missa

solene na Catedral de Nossa Senhora da Conceição (fotos 1 a 3). No dia 27 a programação se desenvolveu no Parque de Exposições Dr. Fernando Costa, com diversas apresentações musicais, Adoração Eucarística (fotos 4 a 6), feira das vocações (fotos 10 e 11) e Missa de encerramento (fotos 7 a 9).



Fotos: Alexandro Ferreira



Fotos: Alain Patrick

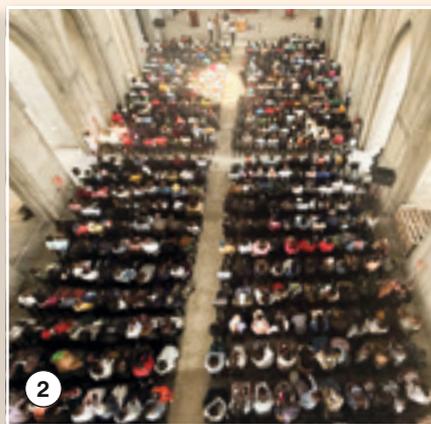
Fotos: Rogério Baldasso

Itália – A festa de Nossa Senhora do Carmo foi comemorada na Igreja da Madonna del Carmine, em Veneza, com uma procissão e a celebração da Santa Missa presidida por Dom Francesco Moraglia, Patriarca Metropolitano (foto 1). No dia 11 de julho a Igreja de San Benedetto in Piscinula, em Roma, homenageou seu padroeiro com uma solene Eucaristia, seguida da bênção de medalhas do grande Patriarca do Ocidente (fotos 2 e 3).



Fotos: Antoine Bolider

Países Baixos – No dia 5 de julho os Arautos do Evangelho animaram a Missa celebrada na Igreja de São Lamberto, em Eindhoven, pelo Cardeal Willem Eijk, Arcebispo de Utrecht, o qual coroou a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria. Após a Eucaristia, foi recitado o Rosário em vários idiomas, transmitido pela Rádio Maria a mais de oitenta países.



Ambrósio Nguilele

Fotos: Inésio Abubacar

Moçambique – Por ocasião da Solenidade de São Pedro e São Paulo, no dia 29 de junho, membros dos Arautos reuniram-se com a comunidade dos goeses para uma bela procissão marítima (foto 1). No mês de julho centenas de fiéis se congregaram na igreja da instituição em Maputo, ainda em construção, para uma palestra de formação com o Pe. Arão Mazive, EP (fotos 2 e 3).



Fotos: David Ayusso

São Paulo – No dia 13 de julho o Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo, presidiu a solene Eucaristia de bênção do altar do Oratório Santa Filomena, no Jardim Pedra Branca, confiado aos cuidados da Sociedade Feminina de Vida Apostólica Regina Virginum. O edifício foi generosamente oferecido às irmãs pelo casal Mara e Domingos Fernandes de Aguiar.



Fotos: João Lucas Guimarães

Mogi das Cruzes (SP) – A Catedral de Sant’Ana celebrou a festa de sua padroeira, no dia 26 de julho, com uma procissão pelas ruas da cidade, seguida de uma solene Eucaristia presidida por Dom Pedro Luiz Stringhini, Bispo Diocesano. O coro e a orquestra do Seminário Maior da Sociedade Clerical de Vida Apostólica Virgo Flos Carmeli animaram as comemorações.



Fotos: Giovanna de Castro

São Paulo – A Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria percorreu em procissão os corredores da ExpoCatólica – a maior feira católica do mundo, realizada neste ano entre os dias 3 e 6 de julho –, espargindo suas bênçãos sobre os presentes, os quais puderam também assistir a uma apresentação musical realizada pelos jovens seminaristas da Sociedade Virgo Flos Carmeli.

“Dou-lhe minha aliança de paz”

Num episódio bíblico pouco conhecido, um varão íntegro levantou-se contra uma flagrante transgressão dos preceitos divinos, sendo esplendorosamente premiado pelo Senhor.



✦ Bianca Maria dos Santos Damião

Houve entre o povo de Israel um jovem fogoso, em cujo olhar Moisés certamente discernia um sublime chamado. Seu nome era Fineias.

A fidelidade cristalina desse varão, obra de uma vida inteira, brilhou de maneira ímpar num episódio pouco conhecido da história do povo eleito que, contudo, fê-lo merecer um posto de honra entre os homens ilustres elo-

giados pelo Eclesiástico: ali ele está como “o terceiro em glória” (45, 28a), contado entre os que receberam do Senhor a dignidade sacerdotal.

Entre os maus, um punhado de fiéis

Narram as Escrituras que, desde a partida dos israelitas de Ramsés no dia seguinte ao da Páscoa (cf. Nm 33, 3), Deus não cessou de lhe demonstrar sua predileção, apesar de serem eles

um povo incrédulo e rebelde. Com efeito, o texto sagrado evidencia que um clã de maus e revoltosos atuava com virulência em seu meio.

Por outro lado, havia também entre o povo algumas almas fiéis, zelosas pela Lei do Senhor e naturalmente mais próximas de Moisés, que tiveram um papel importante nas vitórias dele sobre a iniquidade reinante. Entre estas se encontrava aquele que “imitou Moisés no temor do Senhor” (Eclo 45, 28b).

Moab faz Israel tropeçar

Nos últimos momentos de seu glorioso êxodo da terra do Egito, caracterizado por fenômenos extraordinários em que a fé e o milagre se coadunavam, os israelitas chegaram às estepes de Moab, às portas da Terra Prometida, com o fim de ali acampar. Contudo, a um curto período de descanso seguiu-se uma grave prevaricação. Era a última hora antes do cumprimento das promessas, a derradeira prova a ser vencida para receber o tão ansiado prêmio.

Passara por li, havia algum tempo, um enigmático adivinho não judeu, de nome Balaão. Fora instigado pelo rei de Moab a amaldiçoar Israel, mas o Senhor o impediu de forma miraculosa e revelou-lhe sua predileção



Reprodução

Impedido pelo senhor de amaldiçoar Israel, Balaão deu ao rei de Moab um perverso conselho: introduzir entre os hebreus mulheres madianitas que os levassem ao pecado da carne e depois à idolatria

O Anjo do Senhor se interpõe no caminho de Balaão, por Joseph Anton Koch - Museu Nacional Germânico, Nuremberg (Alemanha)

pelo povo eleito (cf. Nm 22–23). Desta feita, Balaão ousou dar ao soberano um perverso conselho, através do qual conseguiria triunfar sobre Israel: que ele introduzisse entre os hebreus mulheres madianitas, que os seduzissem pelo pecado da carne e, depois, os levassem à idolatria a seus deuses (cf. Nm 31, 15-16).

De fato, muitos deixaram-se arrastar a esta infâmia, esquecendo Aquele que os salvara das mãos do Faraó. As mulheres madianitas passaram a exigir-lhes uma consagração a Baal-Fegor, ao que eles obedeceram, cegos pela paixão.¹

Ora, o Senhor velava pelos seus e ante tal pecado tomou-Se de violenta cólera. Ardendo de desejo de que Israel voltasse ao bom caminho, e considerando tratar-se de um povo de cerviz duríssima (cf. Dt 31, 27), houve por bem castigá-lo com uma terrível peste.

Uma lição de intransigência

Enquanto muitos morriam acometidos da peste, aconteceu que Moisés reuniu os chefes e juizes do povo para transmitir-lhes indicações da parte do Senhor e, diante de toda a assembleia reunida, um dos príncipes da tribo de Simeão, chamado Zamri, levantou-se contra Moisés, dizendo: “Não me terás mais como seguidor de teus tirânicos mandamentos”.² E seu atrevimento não cessou com tais palavras: sob os olhares de todos, trouxe para o acampamento uma mulher madianita, com a qual se havia unido ilegítimamente.

Então Fineias, considerado um dos principais jovens do povo, tanto por ser filho do sumo sacerdote Eleazar e sobrinho do próprio Moisés, quanto por sua virtude e coragem diante das dificuldades, resolveu vingar o ultraje antes que o péssimo exemplo de Zamri arrastasse outros à mesma revolta. Tomado de justa cólera e amor pela Lei (cf. I Mac 2, 24-26), “levantou-se no meio da assembleia, tomou uma lança, seguiu o israelita até sua tenda e ali transpassou-o juntamente com a



Arquivo Revista

Fineias vingou o ultraje contra Moisés antes que o exemplo de Zamri arrastasse outros à mesma revolta. Cheio de justa cólera, “tomou uma lança, seguiu o israelita até sua tenda e ali transpassou-o juntamente com a mulher”

“Zamri e Cozbi são mortos por Fineias” - Gravura por David Martin (editada)

mulher” (Nm 25, 7-8), de modo que pereceram ambos num único golpe.

Neste momento cessou o flagelo da peste que grassava entre os israelitas. Ao total, haviam perecido no castigo vinte e quatro mil homens (cf. Nm 25, 9).

“Ele deu provas do mesmo zelo que Eu”

Aplacado de seu divino furor, o Senhor disse a Moisés: “Fineias, filho de Eleazar, filho do sacerdote Aarão, desviou minha cólera de sobre os israelitas, dando provas entre eles do mesmo zelo que Eu. Por isso não os extingui em minha cólera. Dize-lhe, pois, que lhe dou a minha aliança de paz. Isso será para ele e seus descendentes o pacto de um sacerdócio eterno, porque se mostrou cheio de zelo pelo seu Deus, e fez expiação pelos israelitas” (Nm 25, 11-13).

Tornava-se clara, pois, a estatura moral do homem sobre quem o Altíssimo fizera repousar a promessa feita a Aarão e à tribo de Levi: “Eu sou a

tua parte e a tua herança no meio dos israelitas” (Nm 18, 20). E ficavam premiados para sempre seu amor ardente pela Lei de Deus e sua firmeza em face da impiedade.

Depois desses fatos sucedeu-se a guerra contra Madiã, e Fineias foi enviado por Moisés como comandante das tropas israelitas (cf. Nm 31, 6). “O Senhor estava com ele” (I Cr 9, 20)! Doze mil homens, mil de cada tribo do povo eleito, dizimaram as cidades de Moab. Entre os mortos, estavam todos os reis madianitas e também Balaão. Iniciava-se para Israel uma nova fase de sua história: tendo triunfado sobre os inimigos e feito a expiação dos pecados, deveria entrar efetivamente na Terra da Promessa.

Enquanto ele viveu, Israel não pecou

Quando, de maneira magnífica e misteriosa, o Senhor chamou a Si o grande Moisés, Fineias, por sua virtude provada e reconhecida, tornou-se um dos ajudantes mais próximos de

UM ENSINAMENTO ÚTIL PARA A ALMA

O prazer é apresentado por todo vício como isca que arrasta facilmente as almas sensuais para o anzol da perdição. É sobretudo por meio do prazer impuro que a natureza é arrastada para o mal, sem que se controle.

É o que sucede agora. Com efeito, aqueles que haviam prevalecido sobre as armas inimigas, que haviam demonstrado ser o ferro mais débil que sua própria força, e que com seu poder haviam posto em fuga o exército dos inimigos, estes acabaram feridos pelos dardos femininos através do prazer. E os que haviam sobrepujado os varões se converteram em reféns das mulheres. [...]

Que lição tiraremos deste relato? A de que, sabedores de quanta força para o mal possui a enfermidade do prazer, mantenhemos nossa vida o mais afastada possível de tal vizinhança,

de forma que essa enfermidade – a qual se assemelha ao fogo que, com sua proximidade, acende a chama perversa – não tenha acesso algum a nós.

Isso é o que ensina Salomão na Sabedoria ao dizer que não se deve pisar a brasa com o pé descalço nem esconder fogo no seio

(cf. Pr 6, 27-28), pois está em nosso poder permanecer livres de paixão, contanto que nos mantenhamos longe daquilo que queima. Mas se, ao contrário, chegarmos a tocar esse fogo ardente, penetrará em nosso interior a chama da concupiscência, e então se seguirá nos pés a queimadura e no seio a destruição.

O Senhor no Evangelho, com sua própria voz, para que nos mantivéssemos afastados desse mal, cortou o passo – como à raiz da paixão – à concupiscência que nasce do olhar, quando ensina que quem admite a paixão com a vista abre, contra si mesmo, a porta da enfermidade (cf. Mt 5, 28). As paixões perversas, como a peste, uma vez que tenham dominado os pontos críticos, só cessam com a morte. ✦

SÃO GREGÓRIO DE NISSA.
Vida de Moisés, c.XXVII,
n.297-298; 303-304



Aqueles que haviam prevalecido sobre as armas inimigas, se converteram em reféns das mulheres

Samsão e Dalila,
por Francesco Morone -
Museu Poldi Pezzoli, Milão (Itália)

Josué, como o prova ter sido ele o mensageiro de suas ordens junto às tribos da Transjordânia.

Rubenitas, gaditas e a meia tribo de Manassés fizeram um altar em seu território, além do Jordão, com a boa intenção de torná-lo um símbolo de união com Deus e com as outras tribos. Essa atitude, porém, foi mal interpretada pelos israelitas e Josué mandou Fineias com mais dez chefes do povo inspecionarem o que criam ser um desvio do culto ao verdadeiro Deus (cf. Js 22, 9-29). Ao ser esclarecido da realidade, Fineias disse aos integrantes das tribos transjordânicas: “Reconhecemos hoje que o Senhor está no meio de nós, visto que não cometestes esse pecado contra

Ele, e salvastes assim os israelitas da mão do Senhor” (Js 22, 31).

Essa foi a última intervenção de Fineias descrita nas Escrituras. Enquanto ele e os de sua geração viveram, Israel não pecou (cf. Jz 2, 7).

Integridade, intransigência e restauração

A história deste varão de Deus – desenrolada no contexto dos tempos do Êxodo e talvez incompreensível para a mentalidade contemporânea – é uma prova do valor da integridade aos olhos de Deus. Sua virtude, posta em confronto com o mal quando já de nada adiantavam as exortações à conversão, desdobrou-se em intransigência e

restaurou a ordem rompida pelo pecado. Por isso, mereceu ele a bênção e a complacência divina: “Seu zelo lhe foi imputado como mérito, de geração em geração, para sempre” (Sl 105, 30-31).

Que, do alto do Céu, Fineias interceda junto a Deus pela Igreja Militante e obtenha para todos os seus membros a santidade necessária a fim de que a iniquidade seja extirpada de nossos corações, fazendo da terra um local de paz verdadeira, sob o reinado de Jesus e de Maria. ✦

¹ Cf. FLÁVIO JOSEFO. *Antiguidades judaicas*. L.IV, c.6, n.7-9.

² Idem, n.11.

...por que a Bíblia está dividida em capítulos e versículos?

“*D*ivide et impera” foi o lema do poderio romano durante todo o tempo que ele durou. Esse velho conselho, porém, tem voz e vez não apenas no que tange a decompor o império em regiões, o exército em falanges ou o inimigo em partidos, mas também se aplica admiravelmente à vida diária: na divisão de horários, na distinção de conceitos, na delegação de tarefas...

Por incrível que pareça, a regra de ouro vale até para... a Palavra de Deus! Foi com essa convicção que Estêvão Langton, Arcebispo de Cantuária e chanceler da Universidade de Paris no começo do século XIII, dividiu em capítulos os livros das Sagradas Escrituras. Como bom catedrático e melhor prelado, sabia ele

Tim Evanson (CC by-sa 2.0)



Estêvão Langton - Catedral de São Pedro e São Paulo, Washington

que a Bíblia é a condensação, por escrito, da Revelação que o Criador fez de Si mesmo e que as palavras nela

contidas, além de sublimes, são muito numerosas... Os homens têm necessidade, por isso, de saboreá-las pouco a pouco.

Passaram-se os anos, cresceram as lutas. As páginas sacras tornaram-se uma arma. Em pleno embate com o protestantismo, Roberto Estienne conferiu uma maior precisão e preseteza à indicação das passagens sagradas. Apoiado nos estudos do dominicano hebraísta Sante Pagnini, publicou ele, em 1555, uma Bíblia já seccionada em versículos, tal como as atuais.

A divisão em capítulos e versículos resulta, assim, tanto do desejo de escutar mais claramente as palavras da Revelação, quanto das batalhas apologéticas por sua correta interpretação. ✦

...qual é a origem do uso litúrgico do incenso?

Nas celebrações litúrgicas mais solenes é comum o uso do incenso que, depositado sobre as brasas do turíbulo, espargue seu agradável odor por todos os recantos do recinto sagrado.

Em seus primórdios a Igreja não se servia do incenso a fim de evitar a suspeita de idolatria, pois entre os pagãos era frequente oferecê-lo aos deuses. Nas catacumbas, porém, os cristãos passaram a utilizá-lo com o intuito de perfumar o ambiente, uma vez que o local não possuía suficiente ventilação. Por fim, no século IV aproximadamente, a Igreja o adotou nas grandes solenidades como forma de prestar mais uma homenagem ao Deus verdadeiro.

Atualmente o incenso não serve apenas para conferir maior esplendor

às cerimônias, mas possui outros significados como, por exemplo, expressar o ato de adoração direta que prestamos ao Santíssimo Sacramento, ou de adoração indireta por meio dos objetos litúrgicos relacionados com o Redentor; manifestar nossa veneração aos Santos através de suas imagens; reverenciar os ministros sagrados e mesmo os fiéis, em razão da dignidade batismal. Além disso, por ser um sacramental, quando abençoado, ele serve de veículo para determinadas graças relacionadas com a Liturgia, protege contra a ação do demônio, simboliza a oração que sobe ao trono de Deus.

Turíbulo com incenso -
Basilica de Nossa Senhora do Rosário,
Caieiras (SP)

Ele é queimado nas Missas solenes, na bênção com o Santíssimo Sacramento, nas procissões e nos funerais, entre outros atos litúrgicos. ✦



Thiago Tamura

Duas atitudes... uma só Pessoa?

Abraçar com ternura uma criança e chicotear, indignado, uns aproveitadores... Duas atitudes tão radicalmente opostas cabem numa mesma alma, numa mesma psicologia, numa mesma santidade?



✠ Pe. Louis Goyard, EP

Nada há de mais encantador do que a cena do Evangelho na qual encontramos Nosso Senhor Jesus Cristo rodeado de crianças desejosas de que o Salvador “pusesse as mãos sobre elas e orasse por elas” (Mt 19, 13). Os discípulos, preocupados com a tranquilidade do Mestre, tentam afastá-las... Contudo, Jesus os repreende e chama os pequenos, os abençoa impondo-lhes as mãos e até os abraça. Nessa ocasião manifesta-se aquela ternura característica que a piedade popular apresenta na devoção ao Sagrado Coração de Jesus, modelo de doçura e de bondade.

Em circunstâncias muito diferentes, os mesmos Evangelistas nos mostram Nosso Senhor empunhando um chicote de cordas tecido com suas próprias mãos e expulsando os vendilhões do Templo (cf. Jo 2, 14-16), “cheio de ira e tristeza” (Mc 3, 5). A cena é impactante: quadrúpedes espavoridos, aves esvoaçando sem rumo, moedas espalhadas pelo chão, vendedores em fuga tropeçando em mesas derrubadas e bancos virados, sob o olhar estarecido dos compradores atônitos, também em fuga... Com voz solene, Jesus sentencia: “Minha casa é uma casa de oração, mas vós fizestes dela um covil de ladrões” (Mt 21, 13).

Mas... tratar-se-á, realmente, da mesma Pessoa?! Dois modos de ser

tão radicalmente opostos cabem numa mesma alma, numa mesma psicologia, numa mesma santidade?

* * *

São Tomás¹ ensina que as paixões humanas, consideradas em si mesmas, constituem uma mera capacidade de dinamismo e são, portanto, neutras. Elas se tornam agentes de bem ou de mal quando o homem as governa rumo a um fim bom ou mau, assim como uma mesma ferramenta pode realizar um serviço benéfico ou ser utilizada para cometer um crime.

Contudo, embora o dinamismo da paixão auxilie o homem a mover-se, este deve sempre se conservar senhor de si e de suas ações. Se deixa a paixão tomar conta de seu agir, ele permite uma inversão de papéis: transforma-se em instrumento de sua paixão, a qual passa a dominá-lo e o reduz de governante a governado.

Nessas circunstâncias poderá ser de tal maneira tomado pela ira que, incapaz de controlar-se, acabe descarregando o extravasamento de sua paixão sobre os circunstantes, vizinhos ou familiares, que nada têm a ver com a causa de seu furor. Ele estará unilateralmente dominado pela ira neste momento, e não haverá lugar algum para a compaixão. Pelo contrário, alguém que se deixe dominar pela paixão do afeto poderá tornar-se tão cego que

seja incapaz de discernir as maldades que contra ele urdem aqueles nos quais, ingenuamente, depositou sua confiança.

Dir-se-ia, pois, que o homem se encontra na paradoxal obrigação de negar toda paixão – e, conseqüentemente, tornar-se um ser apático – para evitar o risco de cair no desvario. E não faltará quem chame esse estado de apatia de “equilíbrio”... O que deve então ele preferir? Como deve agir? Com paixão ou com indiferença?

* * *

Temos a resposta ao olhar para nosso supremo Arquétipo. Com efeito, nada encontramos desse conflito interior em Nosso Senhor Jesus Cristo, no qual tudo é perfeição e, portanto, harmonia. Ele não precisa optar entre as paixões e a apatia: suas paixões sempre estão em equilíbrio. Como explicá-lo?

A temperança é, justamente, a virtude chamada a “temperar” – ou seja, moderar, jugular – o dinamismo das paixões. Assim como o freio segura o ímpeto do cavalo por demais feroso, a temperança conserva as paixões subjugadas à vontade e à inteligência, a qual se deixa conduzir pela sabedoria. Não as anula, portanto, mas as mantém no rumo certo, como o timão em um navio, e nunca permite que deixem de ser um instrumento, utilizado racionalmente, e invertam a boa ordem

das coisas dominando o homem ao qual deveriam servir.

Assim, não encontramos Nosso Senhor tão atento às crianças que perca sua gravidade e sua seriedade; pelo contrário, dedica-se ao apostolado com toda a seriedade, fazendo-lhes o máximo bem possível com vistas à sua salvação. E, ao flagelar os vendilhões, Ele nunca perde a calma: jamais olhos esbugalhados, face avermelhada, cabelo desgrenhado... Nada mais longe de seu supremo e permanente equilíbrio. A prova disso é o versículo seguinte à expulsão dos vendilhões, na versão de São Mateus: “Os cegos e os coxos vieram a Ele no Templo e Ele os curou” (21, 14).

São duas atitudes, sem dúvida, mas não dois modos de ser. Jesus, flagelando um vendilhão e abraçando uma criança, nos dá o verdadeiro exemplo de equilíbrio na temperança, cuja raiz se encontra no amor a Deus acima de todas as coisas. ✠



G.Freihalter (CC by-sa 4.0)

Nosso Senhor com as crianças - Igreja de São João, Bad Rodach (Alemanha); abaixo, “Jesus expulsa os vendilhões do Templo”, por Giotto di Bondone - Cappella degli Scrovegni, Pádua (Itália)

¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I-II, q.22, a.3; q.24, a.1-3.



Gustavo Kraijl



Pequenina imaculada e “divina”

Que Menina encantadora! Isenta do pecado original, dotada de ciência infusa e de pleno uso da razão, já ao abrir os olhos para a realidade Maria entendia tudo quanto se passava ao seu redor.

Sem nada manifestar de certa parvoíce pueril própria aos descendentes de Adão, Ela era séria, solene e, ao mesmo tempo, graciosa. Em todos os seus movimentos, até nos mínimos gestos, transpareciam suas inúmeras qualidades e dons pois, à semelhança do que ocorre com a luz do sol, não se podia ocultar a plenitude de graça que emanava da Santíssima Virgem.

Tudo n’Ela era “divino” e convidava à prática exímia da virtude.

Na pequenina Maria – os olhos, as sobrancelhas, os cabelos, os traços fisionômicos, as inflexões de voz – absolutamente tudo se assemelhava com o Menino-Deus, se bem que revestido das feições femininas. Seus movimentos, sua respiração, seus mínimos gestos deixavam transparecer uma forte presença da divindade, que arrebatava.

Esta é Aquela que só o Todo-Poderoso poderia imaginar! Esta é a pequenina que governa o imenso Coração de Deus.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP.
“Maria Santíssima! O Paraíso de Deus
revelado aos homens”